

Danubia Souza Marques da Silva

Christine Sertã Costa



@minimizar_barreiras:

UMA MÍDIA SOCIAL COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL
PARA CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE INCLUSÃO ESCOLAR DE
ALUNOS PÚBLICO ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL



Rio de Janeiro, 2022

@minimizar_barreiras:

**UMA MÍDIA SOCIAL COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL PARA
CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS
PÚBLICO ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Danubia Souza Marques da Silva

Christine Sertã Costa

@minimizar_barreiras:

**UMA MÍDIA SOCIAL COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL
PARA CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE INCLUSÃO ESCOLAR DE
ALUNOS PÚBLICO ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL**

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2022

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S586 Silva, Danubia Souza Marques da

@minimizar_barreiras: uma mídia social como ferramenta educacional para conscientização sobre inclusão escolar de alunos público alvo da educação especial / Danubia Souza Marques da Silva; Christine Sertã Costa. 1. ed. - Rio de Janeiro: Imperial Editora, 2022.

51 p.

Bibliografia: p. 48-49.

ISBN: 978-65-5930-013-6

1. Educação especial. 2. Inclusão escolar. 3. Relação família-escola. I. Costa, Christine Sertã. II. Título.

CDD 371.9

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

RESUMO

Este produto educacional é a culminância da pesquisa do trabalho de conclusão de curso intitulado “Inclusão escolar a relação família escola em questão”. Ele objetiva minimizar barreiras à inclusão a partir da informação e interação social por meio virtual. Trata-se de um perfil no Instagram que produz e publica conteúdos que visam contribuir para a conscientização do processo de inclusão escolar de pessoas com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Toma como princípios o paradigma do modelo social da deficiência, os direitos humanos, a diversidade na escola e o reconhecimento da existência de diferentes estilos de aprendizagem. Não há como negar que vivemos em uma sociedade em rede, em que as tecnologias da informação e comunicação podem ser aliadas ao processo educativo posto que novas formas de aprender e ensinar são imperativas. Cada vez mais as relações são mediadas por meios digitais e o Instagram tem se destacado em número de usuários. Essa realidade, o ciberespaço, pode também ser apropriada por professores da educação básica, de acordo com a intencionalidade pedagógica. O perfil @minimizar_barreiras é fruto de uma produção intelectual que almeja a transformação do cotidiano escolar, transformação esta aclamada, sobretudo, por famílias e professores de alunos público alvo da educação especial.

Palavras-chave: Educação especial; Inclusão escolar; mídia social; Instagram.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
1 UMA RETROSPECTIVA DA PESQUISA “INCLUSÃO ESCOLAR: A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA EM QUESTÃO.....	7
1.1 Quanto à fundamentação teórica.....	11
1.2 Quanto aos dados coletados na pesquisa de campo.....	14
1.3 Quanto à concepção do produto educacional “@minimizar_barreiras”.....	16
2 A CONSTRUÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	22
2.1 Análise do público.....	24
2.2 Desenho.....	27
2.3 Desenvolvimento.....	29
2.3.1 Seleção e organização dos conteúdos.....	29
2.3.2 Determinação das estratégias didáticas.....	31
2.3.3 Determinação da forma de comunicação.....	37
2.4 Implementação (prototipação).....	39
2.5 Avaliação (avaliação, aplicação, validação).....	41
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXO A – FICHA DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	48
ANEXO B – FICHA DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL (continuação).....	49

APRESENTAÇÃO

Caro leitor, esta publicação refere-se ao processo de construção do produto educacional fruto da pesquisa “Inclusão escolar: a relação família-escola em questão” do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II. Seu objetivo é minimizar barreiras de informação à inclusão escolar dos alunos Público Alvo da Educação Especial (PAEE). Trata-se de um perfil no Instagram denominado @minimizar_barreiras. Convido você a fazer parte do constante aperfeiçoamento deste recurso, interagindo por meio da mídia social supracitada.

Esta produção está dividida em dois capítulos. No primeiro você encontrará uma retrospectiva da pesquisa abordando os seguintes aspectos: o contexto histórico da escolarização da pessoa com deficiência, algumas perspectivas sobre inclusão escolar, o que a coleta de dados revelou e os principais pressupostos da concepção deste produto. Já no segundo capítulo, você terá acesso às etapas de produção que foram baseadas no modelo de desenho de produto educacional de Freitas (2021) e contém os seguintes aspectos: análise, desenho, desenvolvimento, implementação e avaliação.

Como bônus para sua leitura, foram acrescentadas algumas imagens ao do texto. Trata-se de um “Pit stop para um humor inclusivo”. No mais, que este material possa contribuir para repensar práticas sociais e educacionais mais humanizadas.

1 UMA RETROSPECTIVA DA PESQUISA “INCLUSÃO ESCOLAR: A RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA EM QUESTÃO

Para uma melhor compreensão do contexto de estudo que originou o produto educacional @minimizar_barreiras, uma retrospectiva da pesquisa “Inclusão escolar: a relação família-escola em questão” será apresentada a seguir.

A pesquisadora principal do presente trabalho é pedagoga e atua na regência de sala de aula no município do Rio de Janeiro, anos iniciais, há mais de nove anos. Há três anos atua na sala de recursos multifuncional (SRM). Ainda na formação inicial, foi alfabetizadora em um programa de alfabetização de jovens e adultos da Universidade Federal do Rio de Janeiro em que a maioria dos alunos possuía dificuldades de aprendizagem. Os desafios da educação básica são diversos. Dentre eles, a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais. Assim, pensar estratégias que contribuam com acesso, permanência e aprendizagem desse público tem se configurado como uma questão inquietante e mobilizadora não só para as pesquisadoras (orientadora e mestranda) desse estudo, mas para grande parte dos personagens que de alguma forma atuam na educação básica.

Nesse sentido, a identidade de professora-pesquisadora tem sido forjada na jornada profissional, à medida que se procura produzir conhecimentos, refletir sobre a prática e mudar as próprias ações com base nas reflexões ensejadas pelo processo de investigação (ANDRÉ, 2017).

O tema da inclusão escolar do público alvo da educação especial (PAEE) vem sendo discutido nas comunidades acadêmicas e a literatura da área indica seus benefícios e a compreende como um imperativo moral. Se a inclusão vem sendo apontada como um caminho sem volta para sociedade, a relação família-escola por sua vez é reconhecida como aspecto fundamental para o processo de inclusão na escola. Isso se dá porque tal relação é um fator de influência preponderante, pois os agentes educacionais (família e escola) têm em comum os objetivos do desenvolvimento social e cognitivo de qualquer indivíduo, sobretudo daquele com desenvolvimento atípico. Há um movimento crescente da sociedade civil em prol dos direitos das pessoas com deficiência (PcD), com destaque para o direito educacional.

Pletsch (2009) indicou a necessidade de pesquisas que enfocassem na efetivação da política de educação inclusiva no que diz respeito às necessidades reais das escolas e também nas práticas docentes no cotidiano escolar. Segundo a autora, há uma ruptura entre a política e as práticas. Por isso recomenda que não se investigue apenas o trabalho nas salas de recursos multifuncionais, mas também nas classes comuns. A autora ainda aponta a necessidade de estudos do tipo diagnósticos-prescritivos, que vão de encontro com as dificuldades pedagógicas por parte dos professores. Sobrinho e Alves (2013) identificaram uma relação assimétrica na relação família-escola, que é estereotipada no par leigos-especialistas, materializada numa perspectiva escolacentrada, como se estivesse em questão a escolarização dos pais dos alunos. Maturana e Cia (2015) afirmaram que família e escola são temas comuns quando se trata de desenvolvimento infantil, contudo as pesquisas tendem a focar em um dos contextos, deixando de lado o aspecto real da relação entre eles. As autoras também destacaram o fato de a maioria das pesquisas já adotarem o modelo social de deficiência, isto é benéfico porque assim se considera a construção social da deficiência na própria proposta de intervenção.

Diante do exposto, o que se quis saber foi: quais as principais barreiras à inclusão escolar que podem ser minimizadas com aproximações na relação família-escola?

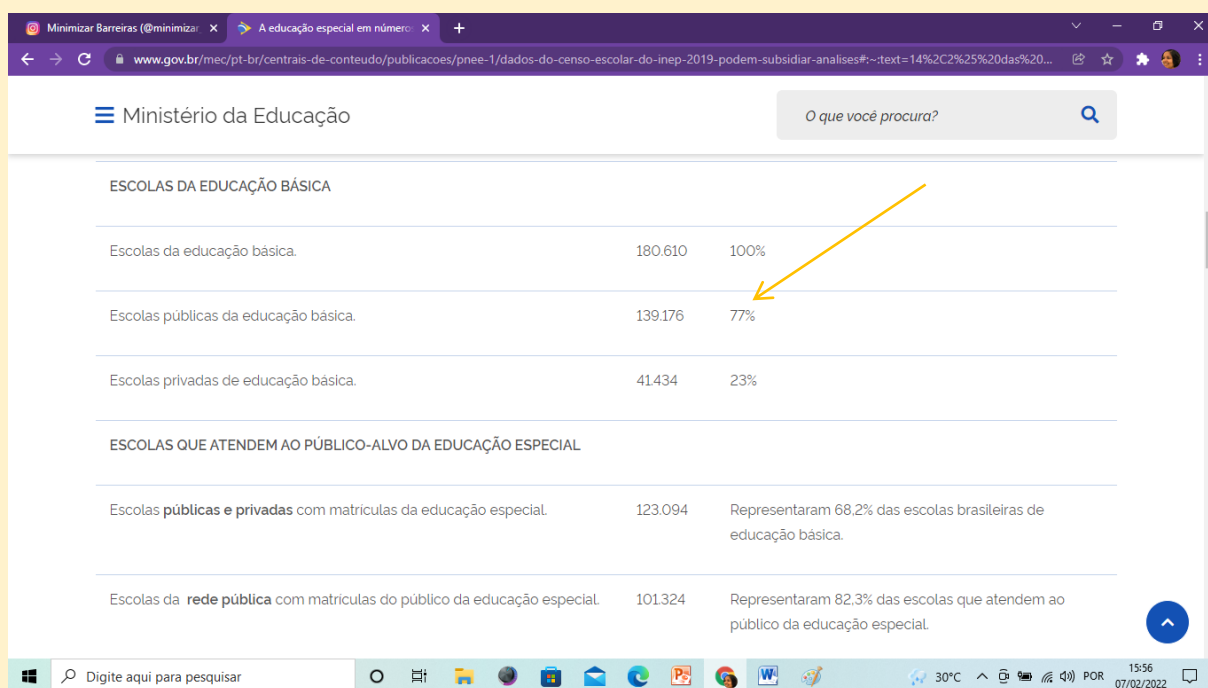
O objetivo geral da pesquisa é minimizar barreiras de informação presentes na relação família-escola considerando as famílias de alunos público alvo da educação especial matriculados em uma escola pública do Rio de Janeiro, com a perspectiva de que a reflexão provocada transforme a realidade local e colabore com outras realidades. Para o cumprimento dessa meta, os seguintes objetivos específicos foram traçados, a saber:

- Identificar estudos atuais, recorte da última década, que articulem os temas “Inclusão Escolar” e “Relação família-escola”.
- Discutir teoricamente a trajetória e perspectivas para a educação especial.
- Levantar as concepções de responsáveis e professores dos alunos público alvo da educação especial acerca da inclusão escolar.
- Analisar os dados colhidos pelas entrevistas, rodas de conversa e observação de campo com base na técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011).
- Criar uma mídia social para publicar conteúdos com potencial de minimizar barreiras de informação no processo de inclusão escolar do público alvo da educação especial.

Os motivos que sustentaram a caminhada da investigação proposta passam pelos aspectos social, profissional e acadêmico apresentados a seguir.

Socialmente, porque ao compreender o processo histórico da educação especial é possível perceber que a sociedade está caminhando em direção a uma mudança paradigmática no que tange ao lugar da pessoa com alguma condição intrínseca. O que está em questão no modelo social é o discurso da cultura de normalidade e as barreiras sociais impostas.

Profissionalmente, porque em meio às transformações da concepção de escola, o professor do AEE (Atendimento Educacional Especializado) potencializa o processo de inclusão atuando como suporte direto ao aluno público alvo da educação especial, trabalha em cooperação com o regente da classe comum e faz a mediação entre família e escola. Deve-se também levar em consideração que o maior número dos alunos com deficiência está nas escolas públicas municipais. A seguir serão apresentados alguns dados quantitativos sobre inclusão escolar a fim que o leitor possa constatar essa realidade. Os dados foram retirados do site do MEC e dizem respeito ao Censo escolar 2019¹. O primeiro *print* revela que o quantitativo de escolas da educação básica na rede pública corresponde a 77%, como aponta a seta amarela.



ESCOLAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA		
Escolas da educação básica.	180.610	100%
Escolas públicas da educação básica.	139.176	77%
Escolas privadas de educação básica.	41.434	23%
ESCOLAS QUE ATENDEM AO PÚBLICO-ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL		
Escolas públicas e privadas com matrículas da educação especial.	123.094	Representaram 68,2% das escolas brasileiras de educação básica.
Escolas da rede pública com matrículas do público da educação especial.	101.324	Representaram 82,3% das escolas que atendem ao público da educação especial.

O segundo *print* diz respeito ao quantitativo das escolas que atendem ao público da educação especial na rede pública que corresponde a 82,3%, como apontado pela seta amarela.

¹ Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/pnee-1/dados-do-censo-escolar-do-inep-2019-podem-subsidiar-analises>

Ministério da Educação

O que você procura?

ESCOLAS QUE ATENDEM AO PÚBLICO-ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Escolas públicas e privadas com matrículas da educação especial.	123.094	Representaram 68,2% das escolas brasileiras de educação básica.
Escolas da rede pública com matrículas do público da educação especial.	101.324	Representaram 82,3% das escolas que atendem ao público da educação especial.
Escolas da rede privada com matrículas do público da educação especial.	21.770	Representaram 17,7% das escolas que atendem ao público da educação especial.
Escolas da rede pública que tinham matrículas do público da educação especial em classes comuns.	101.006	Representaram 98,4% das escolas da rede pública que tinham matrículas do público da educação especial.
Escolas da rede privada que tinham matrículas de estudantes público da educação especial em classes comuns.	20.265	Representaram 92,8% das escolas da rede privada que tinham pelo menos uma matrícula de estudantes

No terceiro *print* há o número de matrículas do público da educação especial em escolas da educação básica (públicas e privadas) que correspondem a 2,6% das matrículas. Nota-se que 96,2% dos alunos público da educação especial nas escolas públicas estão em classes comuns, como apontado pelas setas amarelas.

Ministério da Educação

O que você procura?

MATRÍCULAS/EDUCANDOS DO PÚBLICO-ALVO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Número de estudantes do público-alvo da educação especial em escolas da educação básica.	1.250.967	Representaram 2,6% dos estudantes da educação básica.
Matrículas do público da educação especial nas escolas da rede pública.	1.054.305	
Matrículas do público da educação especial em classes comuns nas escolas da rede pública.	1.013.931	Representaram 96,2% das matrículas do público da educação especial em escolas da rede pública.
Matrículas do público da educação especial em classes exclusivas ou em escolas especializadas da rede pública.	40.374	Representaram 3,8% das matrículas em escolas da rede pública.
Matrículas do público-alvo da educação especial em classes comuns.	1.090.805	Representaram 87,2% dos estudantes do público-alvo da educação especial.

Como último dado, mostrado no *print*, destaca-se que até mesmo as matrículas em classes exclusivas em escolas inclusivas são maiores na rede pública, 85%, como mostra a seta amarela.

Ministério da Educação

O que você procura?

Matriculas do público da educação especial em classes exclusivas (exceto as matriculas de escolas especializadas) na rede pública .	19.354	85% das matriculas em classes exclusivas de escolas regulares inclusivas são da rede pública.
Matriculas do público da educação especial em classes exclusivas (exceto as matriculas de escolas especializadas) na rede privada .	3.410	15% das matriculas em classes exclusivas de escolas regulares inclusivas são da rede privada.
Matriculas do público da educação especial nas escolas da rede privada de ensino.	196.662	
Matriculas do público da educação especial nas escolas da rede privada de ensino em classes comuns .	76.874	Representaram 39,1% das matriculas do público da educação especial em escolas da rede privada.
Matriculas do público da educação especial nas escolas da rede privada de ensino, em classes exclusivas .	119.788	Representaram 60,9% das matriculas em escolas da rede privada.

Dados do Censo Escolar do INEP (2019)

Academicamente, como apontado pela literatura da área, há lacunas a serem observadas, como: o desdobramento da política na prática, a assimetria na relação família-escola e o olhar simultâneo para os dois contextos, família e escola.

A quem pode interessar o presente estudo? Pesquisadores na área da educação especial, professores da educação básica que almejam práticas mais inclusivas, gestores educacionais de nível local e central que buscam inovações para um espaço escolar mais democrático e responsáveis legais pelas pessoas com deficiência (e as próprias) em processo de escolarização com vistas a uma plena participação em todas as esferas da sociedade.

PIT STOP 1



FONTE: (<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/04/18/cartunista-expoe-dificuldades-e-falhas-ofensivas-a-deficientes-com-charges.htm>)

1.1 Quanto à fundamentação teórica

A fim de compreender a temática de forma mais profunda, uma pesquisa bibliográfica sobre a história da educação especial mostrou-se relevante, já que “[...] ao retomar o passado se poderá, talvez, clarificar o presente quanto ao velho que nele persiste” (JANUZZI, 2004, p. 10). O conhecimento histórico mostrou o que se quer superar enquanto paradigma e práticas.

Os paradigmas dominantes descritos na literatura que antecederam ao conceito de inclusão foram denominados de exclusão, segregação e integração. Eles estão representados na figura a seguir. No entender de Pletsch (2020), o principal fator responsável pelas mudanças paradigmáticas foi a transferência da esfera privada para a pública das questões sociais e legais da pessoa com deficiência.



FONTE: (<https://pgl.gal/quando-a-ordem-altera-o-produto/exclusao-segregacao-integracao-inclusao/>)

Em síntese, no paradigma da exclusão a escolarização da pessoa com deficiência é inexistente. Na segregação, há um espaço delimitado para sua escolarização, não compartilhado com as demais pessoas. Na integração, embora estejam juntas no mesmo espaço, não participam conjuntamente, não há partilha das experiências de aprendizagem. Por fim, na inclusão todos compartilham o mesmo espaço de escolarização, com a garantia da participação.

O primeiro paradigma é a exclusão, nele a deficiência é vista como um drama familiar com explicações religiosas. A educação especial teve seus primórdios no século XVI a partir da crença de médicos e pedagogos na possibilidade de educação de seus próprios pacientes, alunos ou filhos com alguma deficiência. Nesse paradigma, a institucionalização em asilos e manicômios se apresentou como uma opção. Segundo Mendes (2006), até que fossem criadas as primeiras instituições voltadas ao atendimento de pessoas com deficiências na época do império, esse público era totalmente excluído da participação social e da aprendizagem. Januzzi (2004) relata que, até a década de 1930, prevaleceu no Brasil a perspectiva centrada na deficiência, por isso essas pessoas eram abandonadas ou levadas às Santas Casas.

O segundo paradigma é a segregação, também denominado de modelo médico ou clínico. Nesse modelo a deficiência é tida como doença crônica e todo atendimento educacional está imbuído de um viés terapêutico. Cabe ressaltar que, foi nesse paradigma que se aceitou a capacidade de aprender do indivíduo com deficiência. Embora reconhecida a capacidade de aprender, Glat e Fernandes (2005) esclarecem que, nesse modelo, as terapias possuem primazia em detrimento da atividade acadêmica. Ou seja, a escolarização é subestimada em relação às demandas reabilitadoras. Assim Januzzi (2004) caracteriza o paradigma em questão:

[...] houve mais diretamente o envolvimento de profissionais médicos, serviços da área de saúde, orientando a parte pedagógica das escolas e a formação de professores, isto principalmente no início do século XX. É a concepção A1) Médico pedagógica, porque mais centrada nas causas físicas, neurológicas, mentais da deficiência, procurando também respostas em teorias de aprendizagem sensorialistas veiculadas na época, principalmente vindas da França [...] (JANUZZI, 2004, p. 11-12)

A década de 1970 foi um marco temporal de mudança de paradigma, pois o modelo educacional (integração) começou a ganhar ênfase. O cerne do pensamento do novo modelo era a integração social de

indivíduos com deficiência de forma que estes pudessem se aproximar de um ambiente escolar típico. Com os avanços das descobertas científicas nas áreas da Pedagogia e Psicologia, novas abordagens metodológicas foram direcionadas às pessoas com deficiência o que resultou no enfoque comportamental.

Mendes (2006) aponta algumas razões que levaram o poder público a agir de forma mais sistemática em 1970: a ampliação do acesso à escolarização, o fracasso escolar e a implantação das classes especiais. Sendo que, paralelamente ao aumento das matrículas nas escolas das classes populares, observou-se que os casos leves de deficiência intelectual foram supridos na criação de classes especiais. Isto é, se aluno desviasse do padrão de nível cognitivo de uma turma, ele deixava de fazer parte dela para pertencer a uma turma só com alunos “desviantes”. Nesse sentido, as classes especiais se configuraram como espaço de segregação de alunos com histórico de fracasso escolar e por muito tempo a educação especial se caracterizou como um sistema paralelo.

De acordo com Glat e Fernandes (2005), o modelo educacional teve como base a metodologia de pesquisa chamada “análise aplicada do comportamento” onde os experimentos e observação do comportamento eram privilegiados. Esse foco fez reverberar uma educação especial voltada para as metodologias de ensino de acordo com a deficiência em questão: visual, auditiva, intelectual, etc.

Quem redefiniu o significado de habitar um corpo foram os teóricos do modelo social (inclusão) da deficiência, sob a premissa de que o que tem potencial de restringir a participação da pessoa com deficiência não é a especificidade desta, e sim as barreiras sociais. Desse modo, foi estabelecido outro paradigma da educação especial, cujo marco temporal é a década de 1990. Esse modelo vê duas principais maneiras antagônicas de se interpretar a deficiência: pela diversidade humana ou pela desvantagem natural (DINIZ; BARBOSA; SANTOS, 2009). A inclusão escolar não é garantida com o mero ato da matrícula em uma turma comum de uma escola regular. Se não forem garantidos juntamente com a matrícula, a participação e a aprendizagem, - ou seja, uma educação de qualidade - a universalização da escolaridade básica não passará de uma “camuflagem” de inclusão.

Por outro lado, o objetivo da política de educação inclusiva é que os sistemas educacionais sejam de fato mais inclusivos. Um importante documento legal brasileiro que marcou significativamente o direito educacional da pessoa com deficiência foi a Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PEEPEI) de 2008, em que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) é garantido. A legislação atual ampara o acesso à escola comum e possibilita também a matrícula em outros espaços.

No paradigma inclusivo não cabe o “modelo do déficit” onde foca-se no que está faltando no aluno ao invés de valorizar suas potencialidades. Na sociedade inclusiva, deficiente não são as pessoas e sim o ambiente, a cultura, as atitudes, os valores, as práticas e a legislação. Deficiente é a visão que governa a sociedade excludente.

Os paradigmas, bem como seus respectivos marcos temporais, podem ser esquematicamente observados na figura a seguir:



FONTE: elaboração própria

Para Mendes (2010, p. 106) a perspectiva da inclusão é um caminho sem volta, um imperativo moral.

[...] não podemos negar que na perspectiva filosófica, a inclusão é uma questão de valor, ou seja, é um imperativo moral. Não há como questioná-lo nem na perspectiva filosófica nem política, porque de fato se trata de uma estratégia com potencial para garantir o avanço necessário na educação especial brasileira.

Mas para que a escola não seja um ambiente segregador, é necessária uma mudança de concepção de escola. A educação especializada não substitui a educação básica, cuja função da primeira é complementar ou suplementar o trabalho da turma comum. Uma escola inclusiva e especializada implica na identificação das causas da exclusão e na ação de eliminá-las.

Por sua vez, o Atendimento Educacional Especializado

[...] tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela” (BRASIL, 2008, p. 10).

Sobre a diferença entre educação especial e educação inclusiva, em suma, a educação especial recai seu olhar para a pessoa com deficiência (PcD), já a educação inclusiva parte dessa luta e avança na pauta de uma educação democrática para todos, daí a expressão Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem sido bem utilizada (NUNES; SAIA; TAVARES, 2015).

Embora reconhecida, a inclusão educacional ainda não foi estabelecida em território nacional, pois, além de ser um processo, necessita de investimentos que garantam as condições básicas pertinentes a sua implementação. Com a nova perspectiva emergente, a identidade da educação especial sofre significativa alteração: de sistema paralelo a sistema de suporte.

Uma escola não se torna inclusiva por se autodeclarar assim. É necessário todo um processo de mudanças, formações e adaptações para atender com qualidade a todos. A perspectiva de educação inclusiva implicaria em mudança da concepção de escola de forma que “[...] numa escola inclusiva a diversidade é valorizada em detrimento da homogeneidade” (GLAT; FERNANDES, 2005, p. 4). Isso só fará sentido se houver uma significativa mudança conceitual no entendimento do que seja a diversidade, uma vez que as diferenças socioculturais fazem parte da vida, elas devem estar presentes na escola. O papel da escola é importante e específico: que todos os cidadãos se apropriem dos saberes historicamente produzidos (JANUZZI, 2004).

A escola será o palco da atuação destes três atores: educação especial, educação inclusiva e direitos humanos desde que seja concebida como: “[...] espaço de convivência da pluralidade humana, orientada por certa intencionalidade político-pedagógica, constituir-se em um espaço de aprendizagem e desenvolvimento de todos, independente de suas especificidades.” (PLETSCH, 2020, p. 67) Ou seja, uma escola inclusiva é necessariamente uma escola democrática.

Para Carvalho (2004, p. 117), falar de educação inclusiva “[...] significa refletir sobre a remoção das barreiras para a aprendizagem e para a participação de todos, em escolas de boa qualidade”. Isso implica repensar a democratização da escola de qualidade para todos. O fracasso escolar encontra abrigo nas barreiras para aprendizagem que não são intrínsecas aos sujeitos com necessidades educacionais especiais. As barreiras são de naturezas diversas e todos os envolvidos no processo educativo devem ter o compromisso de desenvolver potencial para eliminá-las ou minimizá-las. Para tanto, é necessário romper com a lógica da “culpabilização do outro” e assumir uma postura ativo-reflexiva diante dos desafios cotidianos.

Assim sendo, pensar uma concepção de escola inclusiva trata-se de um convite, no âmbito educacional, a pensar um ensino submerso em valores democráticos, centrado na aprendizagem, uma aprendizagem que se caracteriza por ter essência e finalidade cooperativa. Independentemente de sua condição, todo aluno tem o direito de aprender, bem como ter o reconhecimento do seu ritmo e estilo de aprendizagem. A figura a seguir representa o movimento de mudanças de paradigmas em relação à educação especial.

Da exclusão total à escola especial

Da escola especial à classe especial

Da classe especial à turma comum

FONTE: elaboração própria

PIT STOP 2



FONTE: (<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/04/18/cartunista-expoe-dificuldades-e-falas-ofensivas-a-deficientes-com-charges.htm>)

1.2 Quanto aos dados coletados na pesquisa de campo

A seguir serão apresentados alguns dos achados da pesquisa que corroboraram com a concepção e construção do produto educacional. A fim de preservar a identidade dos participantes foi utilizado um código composto pela primeira letra da função deles em relação ao aluno(a) matriculado (a) na sala de recursos multifuncional em que a pesquisadora é professora, sendo, “P” para professor e “M” para mãe.

Quando os professores participantes foram questionados sobre o papel da escola na inclusão, as respostas tocaram nos pontos do acolhimento, da informação e do exercício da cidadania. Sobre o papel da família na inclusão, as falas desses profissionais evidenciaram a informação, o acompanhamento do desempenho escolar, a busca por interação/parceria com a escola e o cuidado. A ideia de inclusão escolar para os professores passa por olhar as especificidades dos alunos, o desenvolvimento da aprendizagem, a integração família-escola, a valorização da diversidade e a autoestima do aluno.

Quanto à questão de como as mães conseguiam informações e orientações sobre os cuidados com seus filhos, a resposta foi unânime: através da escola. Já sobre como foi o início da vida escolar do aluno (a), as respostas apontaram basicamente a mesma perspectiva, ou seja, a de que o início da escolarização foi a etapa mais desafiadora, com momentos de tensões entre o comportamento atípico e a forma como a escola lidou com isso. Mas foi possível perceber que, com o processo de interação e intervenção, os alunos obtiveram ganhos acadêmicos e comportamentais. A respeito do papel da escola na questão da inclusão escolar, M1 sinalizou a urgência da presença da rede de apoio no ambiente de ensino regular para auxiliar o aluno na realização das propostas pedagógicas direcionadas à turma que pertence. M3 discorreu no mesmo sentido, e acrescentou a necessidade de profissionais de educação que saibam lidar com as especificidades e demandas da educação especial. M4 apontou a relevância e a potência da interação social no ambiente escolar.

P2 elencou as seguintes barreiras ao processo de inclusão escolar: falta de informação para lidar com a diversidade cognitiva, falta de comunicação sobre as especificidades orgânicas do aluno com deficiência matriculado, ausência de formação para uma prática pedagógica inclusiva, o quantitativo de alunos matriculados por turma e a ausência da figura de mediador em sala de aula.

M3 e M4 só apontaram uma barreira, e praticamente a mesma. O que leva a entender que para elas, as mães, a principal barreira à inclusão escolar está relacionada ao preparo do profissional que ensina.

Diante de tais evidências, cabe reforçar os benefícios da relação família-escola para as partes envolvidas, a saber:

[...] uma relação parental próxima à escola é positiva a todos os envolvidos, mais do que os alunos, as famílias também são beneficiadas pelas seguintes razões: possibilidade de conhecer seus direitos e responsabilidades; conhecer informações sobre a deficiência do filho, recebendo informações específicas sobre como a criança se desenvolve e sobre como poderá ajudar nesse processo; conhecer os tipos de atividade que pode realizar em casa; aprender como ensinar novas competências às crianças; e, conhecer outros recursos que possam ajudar no desenvolvimento da criança. Consequentemente, a escola também seria beneficiada, na medida em que os pais pudessem se envolver de maneira mais adequada na escolaridade como ações mais efetivas. Neste sentido, ações que implementam a comunicação entre as duas instâncias são necessárias, promovendo uma comunicação eficiente e contínua de modo a contribuir de maneira ininterrupta com o desenvolvimento tanto em casa, como na escola. (CHRISTOVAM; CIA, 2013, p. 578)

Então, para que família e escola sejam beneficiadas nesta relação são necessárias ações que esclareçam o que cada parte tem a dar e a receber.

As Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) podem e devem ser usadas com intencionalidade educativa. Nesta pesquisa, as TDIC estiveram presentes já na mediação do processo de coleta de dados.

Foi possível constatar uma lacuna no currículo de formação inicial docente acerca dos tópicos da educação especial e educação inclusiva. A formação continuada com essas perspectivas também ainda não possui presença majoritária nos bancos escolares dos próprios professores. Assim, um recurso construído em um mestrado profissional visou contribuir para minimizar as barreiras à inclusão presentes nas modalidades de formação em questão. O produto não substitui tais formações, porém almeja incentivar os professores divulgando informações sobre algumas possibilidades formativas.

A escola foi o meio que as mães participantes do estudo obtiveram as primeiras percepções sobre o desenvolvimento atípico de seus filhos. Como esse dado torna fugaz a necessidade de que os profissionais da educação estejam bem informados e formados para lidar com as diferenças no desenvolvimento humano e com a comunicação com a família. O momento da notícia pode ser tenso à família, e fazer isso de forma sensível e profissional fará toda a diferença nos encaminhamentos que esta família terá de se submeter. Mas os professores precisam se informar das nuances pertinentes à educação especial, até mesmo porque as mães também informaram que o início da escolarização foi a etapa mais desafiadora, com momentos de tensões entre o comportamento atípico e a forma como a escola lidou com isso.

Para o papel da escola na inclusão as respostas de professores e das mães apresentaram ângulos diferentes. Os primeiros consideraram o acolhimento, a informação, o exercício da cidadania. Já para as segundas, a inclusão escolar está ligada à ampliação da rede de apoio no ambiente da turma comum, ao preparo dos professores para lidar com as diferenças e à ampliação das possibilidades de interação social para o aluno PAEE. Esses dados apontaram para a necessidade de espaços (ainda que virtuais) que promovam uma discussão e reflexão sobre real papel da escola diante da inclusão para que os agentes educacionais envolvidos possam colocar seus pontos de vista sobre esse aspecto em questão, a fim de que se espere da escola aquilo que de fato ela deve oferecer.

Para os professores, o papel da família na inclusão passa pela informação, acompanhamento escolar, o cuidado e iniciativa na relação com a escola. Já as mães destacaram sobre esse mesmo ponto a luta pelo direito educacional, o reconhecimento de ser um tema complexo e que a escola pode auxiliar a família nesse entendimento e, por fim, os valores que as famílias devem transmitir aos filhos. Mais uma vez vemos perspectivas diferentes para um mesmo tema. Esse fato aponta para uma necessidade: a de reunir os agentes educacionais da escola e da família para conversarem sobre temas que fazem diferença na caminhada acadêmica com vistas ao aperfeiçoamento contínuo nas ações de todas as partes envolvidas. Uma vez constatada a necessidade, os encontros podem ocorrer no espaço físico da escola, mas também podem ser fomentados em espaços virtuais, em espaços não formais de ensino.

O que é inclusão escolar? Para os professores, envolve olhar as especificidades dos alunos, o desenvolvimento da aprendizagem, a integração família-escola, a valorização da diversidade e a autoestima do aluno. Para as mães é ter o direito ao suporte necessário, é ter profissionais competentes para lidar com a

situação e que tão logo a educação seja garantida ao aluno PAEE. Mediante a todos os pontos levantados sobre a inclusão escolar, não restam dúvidas que o assunto precisa ser visibilizado para que esteja mais presente no cotidiano da escola, no dia a dia da família e na pauta dos meios comunicação mais acessados na atualidade.

Para os professores, algumas das barreiras que mais dificultam o processo de inclusão escolar são: falta de informação, e a ausência formação docente. Para as mães, a principal barreira é a falta de preparo do profissional que ensina. A proposta de produto educacional oriunda do presente estudo visa vir de encontro, em alguma medida, a tais barreiras. Como já visto, a ideia de barreiras à inclusão escolar está associada com a noção de falta de algo. A sugestão de outra questão para possíveis rodas de conversa (como metodologia de trabalho da professora AEE) se apresentou também contundente à própria pesquisadora principal: o que é possível fazer a fim de minimizar barreiras e potencializar o processo de inclusão escolar?

Na roda de conversa entre professores e mães, última etapa da coleta de dados, a questão lançada foi: “o que você considera mais importante na relação família-escola com vista a uma plena inclusão escolar?” As respostas de M3, M4 e P5 enfatizaram o ponto que é a razão de ser, o elo da relação família-escola: o aluno. A finalidade do esforço empenhado para que uma boa relação família-escola seja estabelecida encontra seu *ikigai* no aluno. Embora o público alvo do produto educacional idealizado não seja o aluno, mas os agentes educacionais envolvidos no processo de inclusão escolar, a intencionalidade da proposta sustenta-se no ideal de uma escola de qualidade e acessível a todos. Espera-se que o PE seja uma das muitas peças desse quebra-cabeça.

#PIT STOP 3



FONTE: (<https://br.pinterest.com/pin/714876140844934650/>)

1.3 Quanto à concepção do produto educacional “@minimizar_barreiras”

Diante das evidências, a concepção do produto educacional se baseou nos pressupostos apresentados a seguir.

O lugar de fala da pesquisadora principal é de discente do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II (MPPEB-CPII), da linha do programa “línguas e letramentos do ensino básico”, do grupo de pesquisa análise do uso e produção de recursos didáticos multidisciplinares e, por fim, da linha do grupo de pesquisa “inclusão no ensino básico”.

O produto educacional considerado a principal produção de um programa profissional. Nesse sentido, necessariamente precisa ser aplicado (ou aplicável) em contexto real e deve refletir uma possível resposta ao problema levantado da prática do professor-pesquisador, de modo que “A função de um PE desenvolvido em determinado contexto sócio-histórico é servir de produto interlocutivo a professores e professoras que se encontram nos mais diferentes contextos do nosso país.” (RIZZATTI et al, 2020, p. 2). E, sobre a função social dessa produção, os mesmos autores esclarecem que se trata de uma produção intelectual e que, por isso, precisa ter o potencial de provocar reflexões e mudanças, sobretudo na educação básica.

Foi pensando na demanda social (ZAIDAN; REIS; KAWASAKI, 2020) de inclusão escolar do público alvo da educação especial que urge na educação básica que o perfil no Instagram @minimizar_barreiras foi idealizado e será sustentado. Esse recurso educativo (que nasceu de uma demanda da relação família-escola) visa apoiar a etapa de ensino em questão diante dos desafios que lhes são apresentados no cotidiano, e se configurar também como um vínculo entre a universidade e a escola visto que ambas as instituições possuem propósitos existenciais formativos.

Afinal, o que se requer do mestre em formação de um programa profissional? “[...] elaborar recursos e processos pedagógicos que possam contribuir para melhorias em processos de ensino e de aprendizagem.” (FREITAS, 2021, p. 6). Antes de existir um produto educacional, existiu uma imersão na pesquisa a fim de responder a uma necessidade da escola. A imersão na pesquisa se deu com o levantamento bibliográfico sobre a trajetória e perspectivas da escolarização da pessoa com deficiência. Ainda nesse intento, uma revisão narrativa da literatura foi realizada no sentido de identificar a produção do conhecimento envolvendo as variáveis relação família-escola e inclusão escolar. A coleta de dados teve como participantes professores e mães do PAEE e mostrou a necessidade de maior clareza quanto o papel da escola e da família na inclusão escolar. Embora não sendo aplicado na escola, o @minimizar_barreiras possui sua razão de existir nela, a escola, local privilegiado de atuação do profissional docente.

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na educação é notável sobretudo desde 1980, e, “Com o surgimento da Internet a humanidade passou a viver rodeada por aparatos eletrônicos, digitais, conectada num mundo virtual e tecnológico.” (BARBOSA, 2010, p. 4). Atualmente, conforme Soares *et al* (2015, p. 1), já é possível reconhecer uma outra nomenclatura para definir essa realidade, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) que se “[...] integram em bases tecnológicas que possibilitam a partir de equipamentos, programas e mídias, a associação de diversos ambientes e indivíduos numa rede, facilitando a comunicação entre seus integrantes, ampliando as ações e possibilidades já garantidas pelos meios tecnológicos.”. Foi refletindo sobre esse imperativo do uso das TDIC que se delimitou como produto educacional um ambiente virtual.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019², realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identificou que 82,7% dos domicílios nacionais possuem acesso à internet, isso representa um aumento de 3,6 pontos percentuais em relação a 2018. A conclusão inevitável é a de que a população brasileira está cada vez mais conectada. Por isso, é possível afirmar que a existência e o impacto das TDIC na sociedade atualmente é inquestionável. Logo, por que não usá-la como fator benéfico à educação? Mais especificamente, como não endossar o paradigma da inclusão nas mídias sociais?

As relações interpessoais têm sido facilitadas com o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação que podem ser também chamadas como conexões ou redes virtuais. As interações daí produzidas são complexas, além de impactar diretamente os processos educativos. Por isso, esse tema merece uma atenção reflexiva por parte da sociedade em geral, e dos professores, particularmente. Como fruto dessa reflexão a conclusão foi não somente a urgência de se trabalhar com mídias sociais na educação, mas também a promoção da educação na perspectiva inclusiva nas mídias sociais.

A educação precisa se apropriar, com intencionalidade pedagógica, das formas digitais de se comunicar já que comunicação é imprescindível ao processo educativo e a interconectividade é um imperativo da sociedade atual. Goulart (2014, p.11) afirma que “[...] a sociedade, ao menos até agora, sempre se apropriou das novas tecnologias, quais forem, e lhes deu destinação adequada às suas demandas, por vezes alterando completamente a aplicação original.” Barbosa e Ferreira (2013, p. 88) complementam essa ideia afirmando que “[...] apesar das

² Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2021/abril/mais-de-82-dos-domicilios-brasileiros-tem-acesso-a-internet#:~:text=A%20Pesquisa%20Nacional%20por%20Amostra,nacionais%20possuem%20acesso%20%C3%A0%20internet.&text=Nos%20domic%C3%ADlios%20urbanos%2C%20a%20utiliza%C3%A7%C3%A3o,%2C7%25%2C%20em%202019.>

redes sociais não terem sido criadas para fins educacionais, nelas existe potencial, afinal as redes podem ser usadas pelos professores como ambientes virtuais de aprendizagem, por terem recursos como fóruns de discussão, chats e, blogs.”. Nesse viés, o perfil @minimizar_barreiras é uma apropriação da plataforma Instagram para fins educacionais, especificamente para divulgação de conteúdos que corroborem para a conscientização sobre inclusão escolar de pessoas com deficiência, um passo importante nesse tema que, como já vimos, clama por estratégias que contribuam para que se torne uma realidade de fato.

Está posto diante da sociedade, quiçá dos professores da educação básica, um novo conceito de internet, a Web 2.0. Goulart (2014, p.13) assim a define: “[...] Web 2.0, que se caracteriza por mecanismos sofisticados para estabelecer relacionamentos entre as pessoas e pela possibilidade de criação, distribuição e consumo de conteúdos pelos usuários [...]”. O favorecimento de relacionamentos, a colaboração na produção de conteúdo e seu compartilhamento são indispensáveis na educação do presente tempo.

Segundo Barbosa e Ferreira (2013), a Web 2.0 propicia uma troca de informações em larga escala, uma vez que o conteúdo publicado pode ser comentado pela audiência cujo tema interessa. Essa possibilidade de trocas e afinidades sustenta o conceito de cibercultura. Barbosa (2010, p. 5), apoiada nos pressupostos de Pierre Lévy, elenca os três elementos fundantes da cibercultura, a saber:

[...] a Interconexão, as Comunidades Virtuais e a Inteligência Coletiva. A Interconexão derruba barreiras entre a humanidade. As Comunidades Virtuais são a extensão da interconexão, pois sua sustentação se dá através da conexão de ideias promovidas pela interconexão da Inteligência Coletiva.

Não há como negar que caminhamos de uma sociedade da informação e do conhecimento para uma sociedade em rede na qual Barbosa e Ferreira (2013, p. 89) apontam os seguintes aspectos inerentes a essa sociedade, isto é a “[...] idéia de inteligência coletiva, autonomia, democratização da cultura, realidade virtual.” Ou seja, a internet é a base da sociedade em rede, pois é seu meio de comunicação privilegiado. Com as ideias de cibercultura e sociedade em rede é possível afirmar a existência de outras formas da presencialidade se manifestar. Compreender o tempo em que se situa e como as relações são estabelecidas é imprescindível ao professor do século XXI.

Cabe, então, a distinção entre redes sociais e mídias sociais. Tal distinção será apresentada nas duas citações a seguir:

[...] o termo “redes sociais” se destina, mais especificamente, a denotar sistemas computacionais construídos para conectar as pessoas, permitindo a troca de informações. Aborda a geometria das ligações entre os nós (pessoas ou usuários), sua densidade e distribuição, sua extensão e acessibilidade, ou seja, especifica os aspectos associados à estrutura física e à lógica da rede, e não necessariamente aos relacionamentos ou conteúdos associados.” (GOULART, 2014, p.12)

[...] o termo “mídias sociais” se aplica, mais amplamente, aos sistemas computacionais baseados na Internet, destinados, fundamentalmente, ao estabelecimento e à manutenção dos relacionamentos entre seus usuários, pessoas ou organizações. Além disso, inclui a produção de conteúdos e seu compartilhamento entre as pessoas “digitalmente” conectadas. (GOULART, 2014, p.12)

Em outras palavras, as mídias sociais promovem a interação social entre seus usuários. Por ter um caráter bidirecional, permite o compartilhamento e colaboração na divulgação de conteúdos, conceitos, ideias, opiniões, etc. Assim, a comunicação unilateral própria das redes sociais fica subsumida em detrimento das possibilidades de feedback que as mídias sociais oferecem. Em suma, a relação que o usuário estabelece com a tecnologia digital pode ser de mero receptor ou de co-autor de algum conteúdo. O que se espera é que o @minimizar_barreiras seja um ambiente de trocas e interações sobre o urgente tema da inclusão escolar do público da educação especial. Que possa unir pessoas com interesses em comum, mas também despertar o interesse em potenciais seguidores do perfil.

A essência interativa das mídias permite identificar as suas seguintes características:

- a) Participação: encorajamento a contribuições e respostas (feedback) entre qualquer pessoa de interesse e que esteja conectada por meio da mesma ferramenta digital de suporte;
- b) Abertura: permite acesso livre (em tese) a qualquer pessoa (alguns sistemas dão ao usuário a permissão para aceitar o convite de estranhos);
- c) Conversação: diferente dos sistemas que distribuem conteúdos para muitos usuários (no conceito de audiência), as mídias sociais permitem a conversa bidirecional entre duas ou mais pessoas, a troca de informações sem a “edição” de intermediários;

d) Comunidades: as mídias sociais permitem a formação de comunidades de interesse, nas quais as interações são fundamentadas em objetivos, interesses e colaboração mútua com compartilhamento de recursos de valor para o grupo;

e) Conectividade: a facilidade de integração de diversas mídias ou mashups, como links a outros sites, recursos ou pessoas, sendo este um aspecto que denota as mídias sociais, pois é valorizado pelos transeuntes dos espaços virtuais. (GOULART, 2014, p.13)

Diante das características expostas, Goulart (2014) conclui que a relevância das mídias sociais consiste justamente em sua capacidade de potencializar a humanidade, sendo essa qualidade a melhor parte de nós, pois nas mídias sociais é possível compartilhar algo inerente à nossa subjetividade, bem como colaborar a partir da publicação da subjetividade alheia. Por tudo isso, Goulart (2014) defende que as mídias sociais serão consideradas a comunicação do futuro. É possível que já estejamos nesse futuro. Se assim é, como pensar as mídias sociais em termos educacionais?

A ideia do uso das mídias sociais como ferramentas educacionais não pode estar a serviço de uma concepção pragmática de educação. Uma coisa é o processo educativo. Outra coisa é fazer das tecnologias digitais uma aliada desse processo. O mero uso das mídias sociais não garante um processo educativo, se não estiverem pautadas em uma clara intencionalidade pedagógica. Portanto, a questão “Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada?” (MORAN, 2000, p. 137) é contundente na formulação de um produto educacional que pretende minimizar barreiras de informação, considerando a relação família-escola, no processo de escolarização de pessoas com deficiência.

Diante do avanço tecnológico e de sua apropriação por parte da educação, não é possível mais conceber que os processos educativos estão limitados ao espaço escolar. Eles se dão de variadas maneiras e de lugares diversos. Isso quer dizer que há processo de aprendizagem em comunidades virtuais, pois o ser humano que aprende, e cria ferramentas de aprendizagens, é um ser social. Barbosa e Ferreira (2013, p. 85) explicam que “[...] a tecnologia possibilita uma aprendizagem pautada no não-lugar e na hipertextualidade. Neste contexto, o processo de aprendizagem, também ocorre a partir das relações socioculturais estabelecidas na e com as comunidades virtuais [...]” Além do mais, a realidade de outros meios educativos para a construção do conhecimento, espaços não formais de ensino, foi acelerada durante o período de isolamento social para conter o avanço da covid-19.

As mudanças tecnológicas sofridas pela sociedade implicam em conceber novas formas de aprender e de ensinar. Nesse intento, Chiossi e Costa (2018) reforçam a necessidade de um sentido e planejamento pedagógicos bem definidos acerca do uso das tecnologias digitais. Já Barbosa (2010) acrescenta que os instrumentos que focalizam a comunicação podem se adequar à educação de acordo com os objetivos educacionais. Embora, em um espaço não formal, o objetivo educacional do perfil @minimizar_barreiras é minimizar barreiras de informação acerca do processo de inclusão escolar.

É importante ponderar que as novas ferramentas tecnológicas ampliam não só as possibilidades educativas, mas também aproximam gerações e o ensino à realidade do educando. Isto é, as formas tradicionais não necessitam ser preteridas, basta que o professor entenda as novas tecnologias como forma de ampliar seu repertório de trabalho e assim variar as estratégias didáticas. Perfil e seguidores alternam o lugar de educador-educando nas mídias sociais o que possibilita um pensar a inclusão escolar para além dos espaços e tempos formais como eventos acadêmicos, formações continuadas e em serviço.

Diante das novas formas de comunicação mediadas por tecnologias digitais presentes na sociedade, Goulart (2014) indica a necessidade de uma formação com vistas à alfabetização midiática, logo, uma grande responsabilidade está sobre o sistema educacional. Quais tópicos devem ser contemplados nessa proposta formativa?

Essa alfabetização midiática (em inglês se usa o termo media literacy) deve abordar a discussão das necessárias adaptações nos métodos de ensino, no aprendizado das tecnologias digitais disponíveis, com seus potenciais e limitações, no uso dos recursos das plataformas mais apropriadas para as tarefas docentes e, em suma, de um aporte teórico e conceitual que dê conta das mudanças advindas desse novo cenário onde todos estarão conectados. (GOULART, 2014, p.24)

Cabe destacar que o uso de mídias sociais na educação ainda contribui com a superação dos desafios próprios da educação brasileira: a dimensão continental do país. Em certa medida, o produto educacional oriundo da pesquisa “Inclusão escolar: a relação família-escola em questão”, objeto deste capítulo, vai ao encontro dessa

demanda formativa docente, ao passo que propõe fundamentos teóricos e orientações práticas para professores pensarem a inclusão educacional.

Diante do avanço tecnológico e de sua apropriação por parte da educação, não é possível mais conceber que os processos educativos estão limitados ao espaço escolar. Eles se dão de variadas maneiras e de lugares diversos. Isso quer dizer que há processo de aprendizagem em comunidades virtuais, pois o ser humano que aprende, e cria ferramentas de aprendizagens, é um ser social. Barbosa e Ferreira (2013, p. 85) explicam que “[...] a tecnologia possibilita uma aprendizagem pautada no não-lugar e na hipertextualidade. Neste contexto, o processo de aprendizagem, também ocorre a partir das relações socioculturais estabelecidas na e com as comunidades virtuais [...]”. Além do mais, a realidade de outros meios educativos para a construção do conhecimento, espaços não formais de ensino, foi acelerada durante o período de isolamento social para conter o avanço da covid-19.

Então, diante desta realidade posta aos professores da terceira década do século XXI, onde o acesso à internet tem se ampliado, a informação é instantânea, a comunicação é coletiva, a sociedade se conecta em rede, há uma cibercultura e um ciberespaço... Qual será a resposta à seguinte provocação de Barbosa (2010, p. 12)? “O ciberespaço está aberto para quem quiser ocupá-lo, é preciso que mais formadores de opinião tenham a ousadia de ir a esta “praça virtual”, ocupem seu lugar e abram o diálogo para o entendimento mútuo.”. O presente produto educacional é uma proposta de ocupação do ciberespaço, trazendo como pauta a urgência de uma sociedade democrática e de uma escola que cumpra sua função social para com todos. Acredita-se que a ação pedagógica proposta em um espaço (ciberespaço) não formal de ensino possa repercutir no chão da escola.

Dessa forma, Moran (2000, p. 138) afirma que “Ensinar e aprender exige hoje muito mais flexibilidade espaço temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação.” Com a maior aproximação entre escola e sociedade, entre vida e aprendizagem, a aprendizagem não se limita à aula ou a um espaço tempo fixados. Os modos de aprender e ensinar exigirão do aluno e do professor (no caso, usuários do Instagram) uma capacidade de discernir uma informação relevante e de se comprometer com o engajamento diante do conteúdo exposto.

Se por um lado os estudantes mostram desinteresse pela sala de aula convencional, por outro lado, nas redes sociais e nos ambientes informais de aprendizagem, esses mesmos estudantes são vistos numa atitude ativa. Corroborando com isso, Barbosa (2010, p. 7) diz: “[...] é necessário que os professores estabeleçam pontes entre o conhecimento formal e a aprendizagem informal que ocorre fora da sala de aula.”. Tal afirmação baseia a concepção e criação do perfil “@minimizar_barreiras” que almeja ser uma ponte entre o paradigma social de deficiência e os agentes educacionais (família e escola) dos alunos público alvo da educação especial e então contribuir para uma efetiva inclusão escolar.

Outro aspecto preponderante no uso de tecnologias digitais na educação é considerar o impacto da sua não utilização para a presente geração. Há de se convir que o professor possua papel singular na formação de novas gerações, de cidadãos que precisam fazer uso consciente e criticamente da informação, item indispensável na sociedade globalizada. Goulart (2014, p. 20) traça um importante perfil de professores levando em consideração a relação destes com as tecnologias digitais, vejamos:

Professor 3.0, pois ele se vê desafiado pela tecnologia digital e deve assumir uma posição perante ela. O Professor 0.0 seria aquele mais antigo, sem a apropriação das tecnologias digitais, talvez porque em sua época elas nem existissem ou ele não foi demandado para dominá-las. O Professor 1.0 teve acesso aos computadores, aos softwares educacionais, e teve oportunidade de potencializar os processos educacionais com seu emprego. Por último, o Professor 2.0 seria aquele da geração digital anterior à que faz uso adequado da Internet, de seus sites e recursos, sendo um profissional conectado ou em rede.

O autoconhecimento do professor sobre o nível de sua relação com as tecnologias digitais poderá auxiliá-lo na apropriação das mídias sociais para educação. Isto é importante porque há um desafio posto ao trabalho colaborativo na construção do conhecimento, e nesse sentido a comunicação virtual poderá romper algumas barreiras, as mídias sociais (por sua natureza) propõe um espaço dialógico em torno de uma variedade de conteúdos informativos.

As palavras de Chiossi e Costa (2018) sintetizam bem a proposta desta seção de capítulo sobre produto educacional, pois estamos

Diante do novo paradigma educacional que presenciamos, com o advento da tecnologia, buscamos contextualizar as novas demandas da educação do Século XXI, apresentando estratégias para transformar,

de forma simples e eficaz, as TIC em ferramentas aliadas do professor. Um dos objetivos é oferecer recursos para uso dos professores, destacando a importância da elaboração de planejamentos adequados que apresentem objetivos claros e bem definidos para o trabalho docente. (CHIOSSI; COSTA, 2018, p. 173)

Por fim, é válido reforçar que na verdade este produto almeja endossar duas ideias: que as barreiras para além do corpo da pessoa com deficiência sejam superadas e que haja maior apropriação no uso das TDIC para promover a inclusão escolar. Quiçá, uma mudança de mentalidade coletiva seja iniciada nas relações e práticas da educação básica. Que as mudanças nas formas de aprender e ensinar, presencial e virtualmente, contribuam para o processo de escolarização de todos.

A seguir serão apresentados os pressupostos da construção do produto educacional.

PIT STOP 4



FONTE: (<https://www.memecreator.org/meme/com-libras-sem-libras-/>)

2. A CONSTRUÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Toda e qualquer tecnologia, para ser bem empregada, depende fundamentalmente da concepção pedagógica de cada docente.

(MARAIA, s/d, p. 19)

O que se teve em mente ao construir o presente produto educacional foram as palavras de Freitas (2021, p. 12) afirmando que o produto educacional é um : “[...] instrumento ou objeto que possa servir como recurso para que, mediante sua manipulação, observação ou leitura se oferecem oportunidades para aprender algo, ou seu uso interfere no desenvolvimento de alguma função de ensino.”. Assim, almejou-se que o presente produto educacional pudesse inspirar o planejamento de professores, as decisões da equipe diretiva e as ações da família em relação à inclusão escolar dos alunos público alvo da educação especial. Mas, principalmente almejou-se que dar maior visibilidade à pauta da inclusão escolar.

É possível afirmar que as novas tecnologias digitais estão para além do entretenimento, mas estão sendo usadas como ferramentas para interação e transmissão de conteúdos. Em consonância, Silva *et al* (2021, p. 9) afirmam:

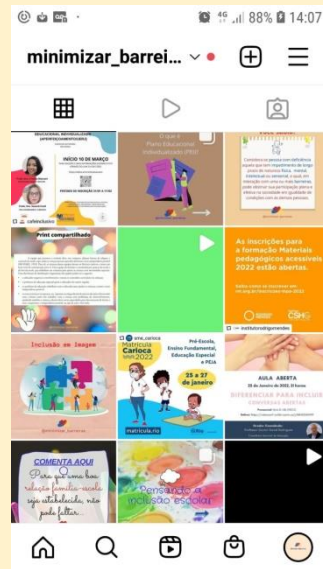
Desde a virada do século, no começo dos anos 2000, ouvimos que estamos vivendo a era digital. Já quase 21 anos depois, nos vemos cada vez mais imersos natecnologia, agora mais do que nunca potencializadas pelo isolamento social. A internet hoje é sinônimo trabalho, facilidade, localização, informação, educação. São poucas as atividades que podemos fazer sem estar online.

Um exemplo disso é que a pesquisadora principal já usava o *Instagram* para se apropriar de conteúdos do universo da inclusão escolar e tantos outros que lhes pudessem agregar valor. A figura a seguir é um exemplo de postagem de um perfil no *Instagram* com finalidade educativa:



FONTE: (https://www.instagram.com/p/CY1Jyc7LBGI/?utm_source=ig_web_copy_link)

Com inspiração no modelo de desenho de produto educacional de Freitas (2021, p. 16), esta seção do caderno do produto educacional será organizada nas seguintes subseções: análise, desenho, desenvolvimento, implementação e avaliação preliminar. As subseções mostrarão o processo de construção do produto educacional escolhido. O perfil @minimizar_barreiras pode ser acessado através do seguinte link: https://www.instagram.com/minimizar_barreiras/. A seguir você verá uma sequência de prints referentes ao feed do @minimizar_barreiras.



PIT STOP 5



FONTE: (<https://www.gerarmemes.com.br/memes-recentes/20125>)

2.1 Análise do público

Análise: É a base das demais fases do projeto, nesta fase o pesquisador deve identificar as características do público alvo, aqueles para os quais o material se destina.

(FREITAS, 2021, p. 16)

A função didática, a essência do produto, o objeto de conhecimento (inclusão escolar) foi apurado mediante pesquisa temática realizada sobre a trajetória e perspectivas da educação especial e também na revisão de literatura. Essa pesquisa teve por objetivo selecionar as ideias principais que estão sendo abordadas no perfil. Já sobre a forma do produto, a pesquisa diagnóstica - concretizada na coleta dos dados, no tratamento da informação e nos pressupostos da concepção do produto educacional - possibilitou conhecer melhor a mídia social escolhida e seus potenciais sujeitos.


O público o qual inspirou a idealização e concretização do presente produto educacional são os familiares e professores dos alunos público alvo da educação especial. No entanto, por se tratar de uma plataforma virtual, o público alcançado é qualquer pessoa que tiver interesse no tema, e assim, basta começar a seguir o perfil. Isso acontece porque o ciberespaço é “[...] um sistema de comunicação eletrônica global que reúne os humanos e computadores em uma relação simbiótica, que cresce exponencialmente graças à comunicação interativa [...]” (MALLAGI; TEIXEIRA, 2019 apud SILVA *et al*, 2021, p. 7). Logo, não é possível definir exatamente quem terá acesso ao conteúdo produzido, considerando a lógica da rede. Isso é um ponto positivo porque trazer informação a todos sobre o tema é importante para a questão da inclusão e para a sociedade em geral. É um trabalho coletivo de montar um “quebra cabeças”, o perfil é apenas uma das peças. Que a proposta apresentada possa gerar reflexões e debates.

A rede social online *Instagram* existe desde 2010 e é atualmente propriedade da empresa *Meta*. Seu objetivo é o compartilhamento entre seus usuários de fotos e vídeos. Assim, é possível criar uma comunidade virtual que se une em torno de um tema em comum. Essa mídia social disponibiliza diversas ferramentas que podem contribuir com o conteúdo que a publicação do perfil deseja promover.

Dentre as possibilidades oferecidas, destaca-se para fins do produto educacional proposto, a criação de conteúdos que promovam o paradigma social de deficiência, sobretudo ao que tange a inclusão escolar. A

finalidade desses conteúdos é conectar e influenciar pessoas na construção de uma sociedade e escola mais inclusivas. Não à toa a mídia social *Instagram* foi escolhida para endossar o paradigma inclusivo, pois “No Brasil, o Instagram é uma das redes sociais mais acessadas. Desde 2015, os brasileiros ocupam lugar de destaque nas estatísticas do aplicativo. Entre os usuários do Instagram, a participação dos brasileiros é maior que a média global.”³ Vejamos algumas estatísticas sobre o *Instagram* que podem ser norteadoras para o aperfeiçoamento do perfil que foram printadas em 07/02/2022 do seguinte endereço eletrônico: <https://www.websiterating.com/pt/research/instagram-statistics/>

Nesse primeiro *print* pode-se notar que o quantitativo expressivo de usuário do *Instagram* e o quanto ele supera em engajamento o *Facebook*.



CAPÍTULO 1

Estatísticas gerais do Instagram

Esta é uma coleção de estatísticas e fatos gerais do Instagram para 2022

Principais tópicos:

- ✓ O Instagram tem mais de 2 bilhão de usuários ativos mensais (MAUs).
- ✓ O Instagram possui 500 milhões de usuários ativos diários (DAUs).
- ✓ As imagens do Instagram têm 23% mais engajamento do que as do Facebook. Os vídeos se saem ainda melhor, com 38% a mais de engajamento do que o Facebook.

[Ver referências](#)

Nesse segundo *print* há os quantitativos de acessos, faixa-etária predominante dos usuários e de engajamento.

³ Fonte: <https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>

Minimizar Barreiras (@minimizar) x Estatísticas do Instagram 2022: f x +

websitesrating.com/pt/research/instagram-statistics/

CAPÍTULO 2

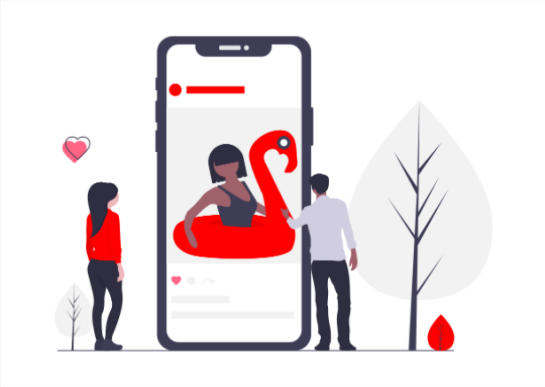
Estatísticas do usuário do Instagram

Esta é uma coleção de estatísticas e fatos de usuários do Instagram para 2022

Principais tópicos:

- ✓ Mais de 60% dos usuários acessam o Instagram diariamente.
- ✓ Mais de 70% dos usuários do Instagram em todo o mundo têm menos de 35 anos.
- ✓ Os Instagrammers "curtem" mais de quatro bilhões de postagens todos os dias.

[Ver referências](#)



Windows taskbar: Digite aqui para pesquisar, 24°C, 18:48, 07/02/2022

O terceiro *print* traz dados referentes à faixa-etária, ao gênero e do público não americano.

Minimizar Barreiras (@minimizar) x Estatísticas do Instagram 2022: f x +

websitesrating.com/pt/research/instagram-statistics/

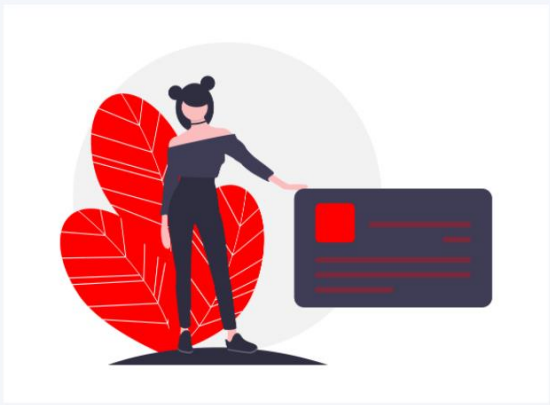
CAPÍTULO 3

Estatísticas demográficas do Instagram

Esta é uma coleção de estatísticas e fatos demográficos do Instagram

Principais tópicos:

- ✓ Mais de 70% dos usuários do Instagram em todo o mundo têm menos de 35 anos
- ✓ 51.6% dos usuários do Instagram são homens, 48.4% dos usuários são mulheres.
- ✓ 88% dos usuários do Instagram vivem fora dos EUA



Windows taskbar: Digite aqui para pesquisar, 24°C, 18:49, 07/02/2022

O quarto é último *print* mostra dados sobre o faturamento da empresa, sobre uso da mídia por empresas americanas e o *emoji* mais usado.

CAPÍTULO 4

Estatísticas de Marketing do Instagram

Esta é uma coleção de estatísticas e fatos de marketing do Instagram

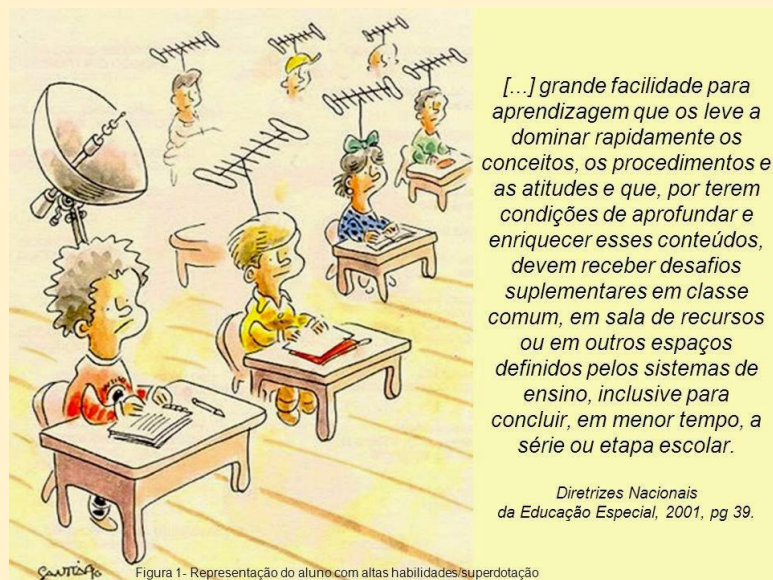
Principais tópicos:

- ✓ A receita de publicidade do Instagram foi estimada em cerca de 26 bilhões de dólares em 2021.
- ✓ Estima-se que 71% das empresas americanas usam o Instagram.
- ✓ O emoji mais usado no Instagram é "Rosto com Lágrimas de Alegria" 😂

A pesquisadora principal tem se apropriado das ferramentas do *Instagram* a fim de fazer uma melhor divulgação de conteúdos. Embora o uso de muitos recursos oferecidos pela plataforma seja intuitivo, cresce o número de pessoas que se dedicam de forma profissional a isso.

De modo geral, a procura pelo perfil se dá por professores e pais de alunos da educação especial, configurando-se assim, seu nicho.

PIT STOP 6



FONTE: (<https://altshabilidadesesuperdotacao.blogspot.com/2015/05/>)

2.2 Desenho

Desenho: Nessa etapa o pesquisador define os objetivos da aprendizagem previstos para o Produto Educacional, não se devendo confundir com os objetivos da pesquisa. Trata-se aqui das finalidades pedagógicas e a utilidade pedagógica prevista para o produto a ser elaborado.

(FREITAS, 2021, p. 17)

A história da educação especial revelou a necessidade de uma conscientização por parte da sociedade a fim que barreiras fossem eliminadas para a plena participação social da pessoa com deficiência. O percurso investigativo, então, mostrou que parte das barreiras podem ser minimizadas com informação sobre inclusão escolar. E, em se tratando de uma pesquisa de um programa profissional, o produto educacional deve ser elaborado com o intuito de responder a uma pergunta/problema oriunda do campo de prática profissional. Além disso ele

Oportuniza um mapeamento e uma superação do senso comum, levando o sujeito a compreender que o conhecimento é advindo da produção humana, sendo resultado de investigações que envolvem os domínios e aspectos científicos, tecnológicos, históricos e/ou sociais, não sendo, portanto, neutro. (RIZZATTI et al, 2020, p. 4)

O objetivo do presente produto educacional é minimizar barreiras de informação presentes na relação família-escola em contexto de inclusão escolar, entendendo que qualquer ação no sentido de favorecer a relação entre os agentes educacionais dos alunos público da educação especial é uma atitude anti-exclusão.

Sabe-se que apenas com informação não há garantia de conscientização e muito menos da inclusão. No entanto, sem ela tais objetivos não serão alcançados. Nunes, Saia e Tavares (2015) esclareceram assim a esse respeito:

[...] vale lembrar que o valor das informações sobre os diferentes tipos de deficiência e as formas de acessibilidade que garantem ao máximo o direito aos mesmos conhecimentos, bem como as reflexões sobre as minorias (não de número, mas de poder), suas histórias, dados sobre sua pouca representatividade etc. é inegável e tem caráter formativo, mas não necessariamente “preparatórios”. (p.1115)

Diante do objetivo principal exposto, a escolha por um produto que fosse virtual pareceu favorável ao intento de alcançar o máximo de pessoas possíveis, de forma acessível. Entendendo que a “[...]tecnologia engloba a totalidade de coisas que a engenhosidade do cérebro humano conseguiu criar em todas as épocas, suas formas de uso, suas aplicações, ela é variável e contextual” (KENSKI, 2012 apud SILVA et al, 2021, p. 6). Pensando nos contextos e na variedade de aplicações inerentes à tecnologia, outros objetivos para o produto educacional foram definidos.

O processo de construção do produto foi também um processo de autoformação à medida que foi necessário um retorno, com um olhar de síntese, sobre as leituras realizadas a fim de que pudessem ser produzidas e publicadas como tópicos para a reflexão dos seguidores do perfil.

As postagens com a seleção de conteúdo feita no levantamento bibliográfico da pesquisa ficam salvas no *feed* do perfil, possibilitando a criação de um acervo de tópicos potentes para discussão em futuras rodas de conversa entre pais e professores da educação básica. Ademais, é uma forma de divulgar o que também foi aprendido no processo de pesquisa.

Não foi o foco do perfil criado ceder aos apelos comerciais e ao *marketing* digital para turbinar as publicações, partindo da premissa que quem quer ter acesso ao conteúdo seguirá o perfil. Não é da natureza e da identidade do perfil oferecer “pacotes” de soluções para que as escolas se tornem mais inclusivas, e sim oferecer oportunidades para novos modos de pensar. É muito mais sobre o porquê incluir, do que o como incluir.

O perfil também tem como meta a qualidade do conteúdo para não “ser mais do mesmo”. Nesse sentido, optou-se por não dar ênfase a algum aspecto específico do desenvolvimento atípico.

A escolha do produto educacional também representa uma espécie de curadoria e assessoria em inclusão escolar para pais e professores. Em outras palavras, é como se fosse uma extensão do atendimento educacional especializado no ciberespaço, como mais uma medida de suporte e colaboração.

PIT STOP 7



FONTE: <https://www.canalautismo.com.br/artigos/meme-sincero-inclusao-se-faz-na-pratica/>

2.3 Desenvolvimento

Desenvolvimento [...] É nesse momento em que bases teóricas que sustentam as escolhas conceituais, a metodologia de ensino e a base comunicacional adotada.

(FREITAS, 2021, p. 17)

Nesta seção o leitor encontrará o relato da seleção e organização dos conteúdos, a determinação das estratégias didáticas e a determinação da forma de comunicação referentes ao perfil @minimizar_barreiras.

2.3.1 Seleção e organização dos conteúdos

Para seleção e organização dos conteúdos, teve-se em mente que o produto “[...] é composto por uma série de componentes internos que se referem aos sistemas simbólicos mobilizados, sua forma de organização, com conteúdos e conceitos a serem aprendidos, com organização didática e estrutura condizentes com o contexto para o qual se destina.” (FREITAS, 2021, p. 6).

Parte da realização da pesquisa “Inclusão escolar: a relação família-escola em questão” envolveu a elaboração de fichamentos dos textos acadêmicos sobre o tema. Então, os fichamentos serviram como fonte da maioria das publicações do perfil. Metaforicamente, o mar onde os conteúdos dos *posts* são pescados.

Uma das escolhas feitas tanto de conteúdo quanto de apresentação foi a prioridade dada ao texto. Outro viés foi não evidenciar a imagem pessoal da pesquisadora principal, e sim que o bojo fosse todo em torno do tema da inclusão escolar.

Um das ferramentas que auxiliaram nesta etapa de produção foi um exemplar de um calendário inclusivo (já era uma ferramenta de trabalho da pesquisadora) que pode facilmente ser obtido com uma pesquisa no banco de imagens do *Google*, como por exemplo, a figura a seguir.

Calendário Inclusivo

04 - Dia Mundial do Braille

Janeiro



29 - Dia Mundial das Doenças Raras

Fevereiro



21 - Dia Internacional da Síndrome de Down

Março



02 - Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo

23 - Dia Nacional de Educação do Surdo

Abril



27 - Dia Mundial da Esclerose Múltipla

Maio



18 - Dia do Orgulho Autista

27 - Dia Internacional do Surdocego

Junho



17 - Dia Internacional da Justiça

Julho



22 - Dia da Def. Intelectual

30 - Dia Mundial de Conscientização da Esclerose Múltipla

Agosto



10 - Dia Universal da LIBRAS

21 - Dia Nacional da Luta das PcD

26 - Dia Nacional do Surdo

Setembro



10 - Dia Nacional e Mundial da Saúde Mental

11 - Dia Nacional da PcD Física

Outubro



20 - Dia Nacional da Consciência Negra

Novembro



03 - Dia Internacional da PcD e da PcD Física

05 - Dia Nacional da Acessibilidade

10 - Dia da Declaração Uni. dos Direitos Humanos

13 - Dia Nacional do Cego

Dezembro



A organização das categorias do conteúdo em *checklist* estabeleceu um ciclo de postagens, assim:

- O que é...
- Você sabia
- Comenta aqui
- Pensando a inclusão escolar
- Curta inclusivo
- Inclusão em imagem
- Inclusivamente
- Print compartilhado

Na medida em que a pesquisadora principal se deparava com algum conteúdo com potencial de postagem, já o lançava em um documento *Google* de acordo com uma das classificações do *checklist* acima. De sorte que, uma vez realizada a publicação, é necessário levar em conta que

[...] as mídias sociais têm a característica de potencializar os processos criativos na e pela comunidade. Uma discussão, uma dúvida ou uma ideia logo encontram repercussão, respostas ou sugestões nas mídias sociais. Todos se solidarizam e se comportam como um conjunto em que até mesmo a preocupação com a autoria perde sentido. (GOULART, 2014, p.22)

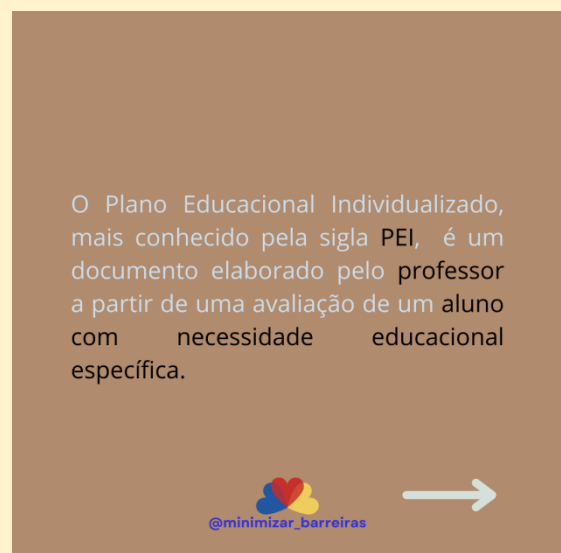
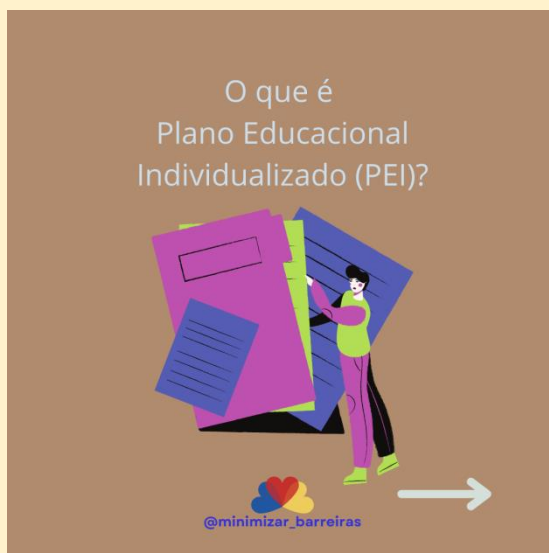
E a ideia é justamente esta: que os seguidores se apropriem dos conteúdos produzidos.

2.3.2 Determinação das estratégias didáticas

Uma das determinações de estratégia de didática foi o posicionamento de oferecer a autoria da informação, visto que o conteúdo publicado vinha de uma fonte acadêmica, ou seja, possuía uma origem científica por trás. Por isso, em todas as postagens com citação, foi fornecida a referência bibliográfica. Além de apontar para a autoria, essa escolha de referenciar também se caracteriza como uma sugestão de leitura para aprofundamento no tema. Citar as fontes é, portanto, uma marca da identidade do perfil.

Como já visto no *checklist*, algumas seções foram inicialmente pensadas a fim de organizar didaticamente os conteúdos e também criar certa expectativa do seguidor sobre o que ele iria encontrar naquela postagem. A seguir você encontrará uma breve descrição de cada seção seguida exemplos das respectivas postagens. Todas as imagens desta foram retiradas do *feed* do perfil, para ter acesso ao conteúdo completo, basta acessar @minimizar_barreiras no *Instagram*.

O que é... – traz a definição ou explicação de algum termo recorrente na temática da inclusão escolar.



Cada aluno é único e aprende, portanto, de maneira diferente, e o PEI visa registrar esse caráter individual de cada aluno para que, usando estratégias adequadas, ele possa aprender, assim como os outros estudantes, no ensino regular.



Com uma proposta individualizada, o PEI se inicia com a escuta minuciosa dos pais e das crianças (...) além de uma avaliação inicial de repertório básico de aprendizagem, para compreender como anda o desempenho da criança. A partir disso, é construído um plano de desenvolvimento individual para que ela alcance pleno desenvolvimento escolar, com metas e objetivos específicos.



O PEI é um instrumento para o planejamento colaborativo entre a escola, a comunidade e a criança, deste modo, pensando nos contextos onde vão decorrer as aprendizagens, garantindo assim, o desenvolvimento da autonomia da criança.



Para a sua elaboração, os professores podem (e devem) contar com a participação dos profissionais externos que acompanham a criança (caso tenham).



Você sabia - visa trazer uma informação relativa à história da educação especial, ou uma questão desse universo que é garantida por lei.

VOCÊ SABIA?



Instituto Benjamin Constant
IBC



Instituto Nacional de Educação de Surdos
INES

No Brasil, a educação especial teve como marco temporal inicial a fundação de duas instituições na capital do Império no século XIX, a saber: Instituto dos Meninos Cegos (1854) e Instituto dos Surdos-Mudos (1857).

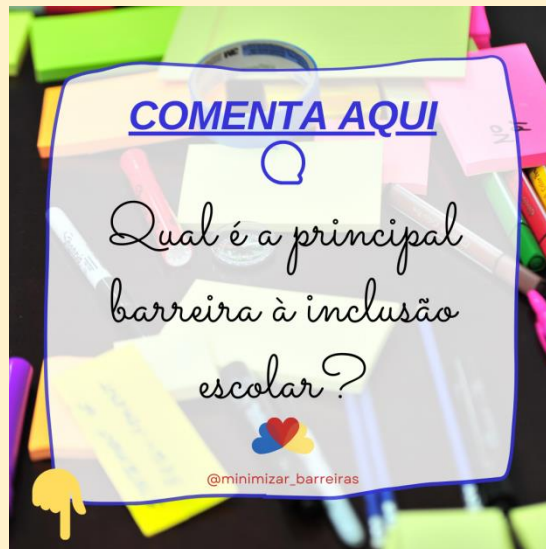


@minimizar_barreiras

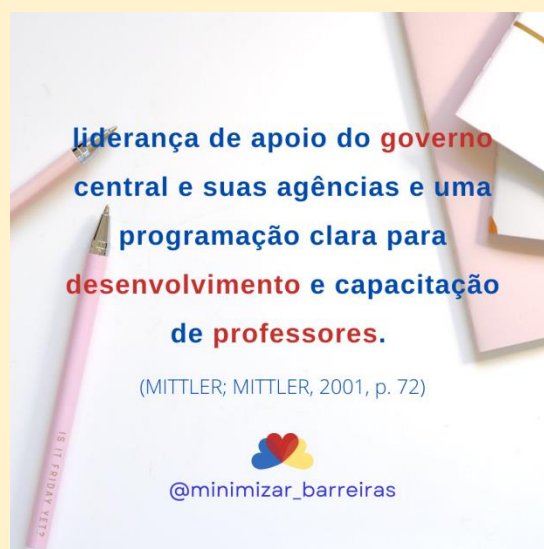
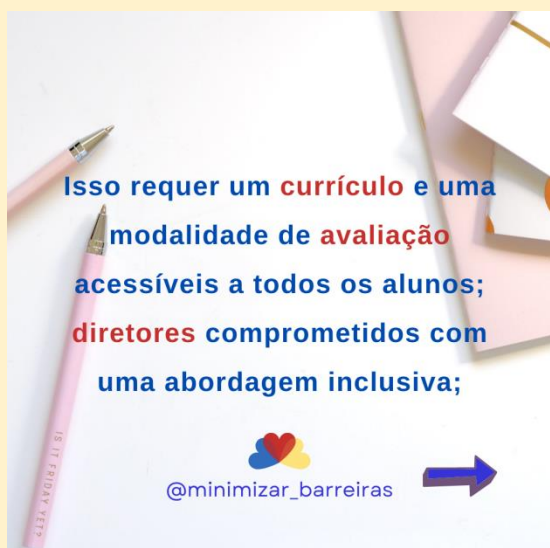
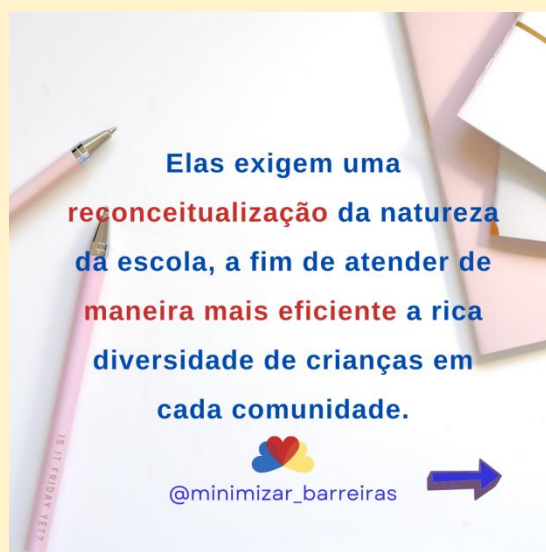
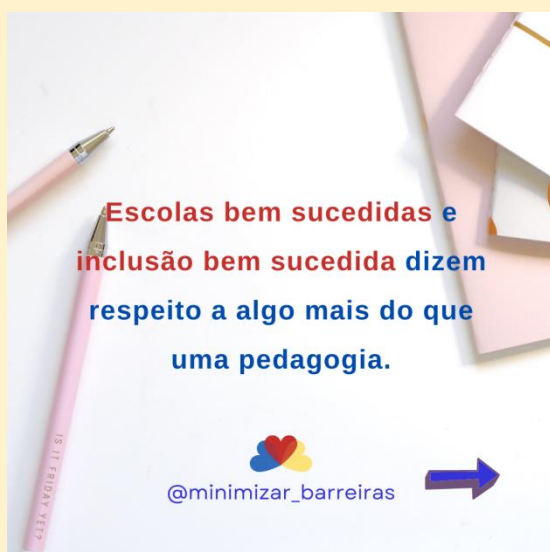
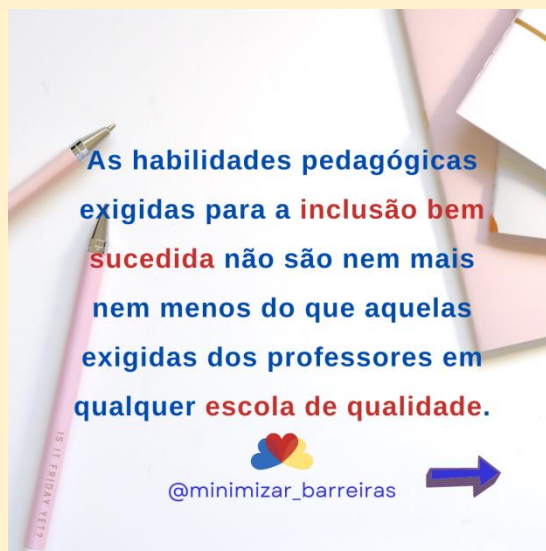


@minimizar_barreiras

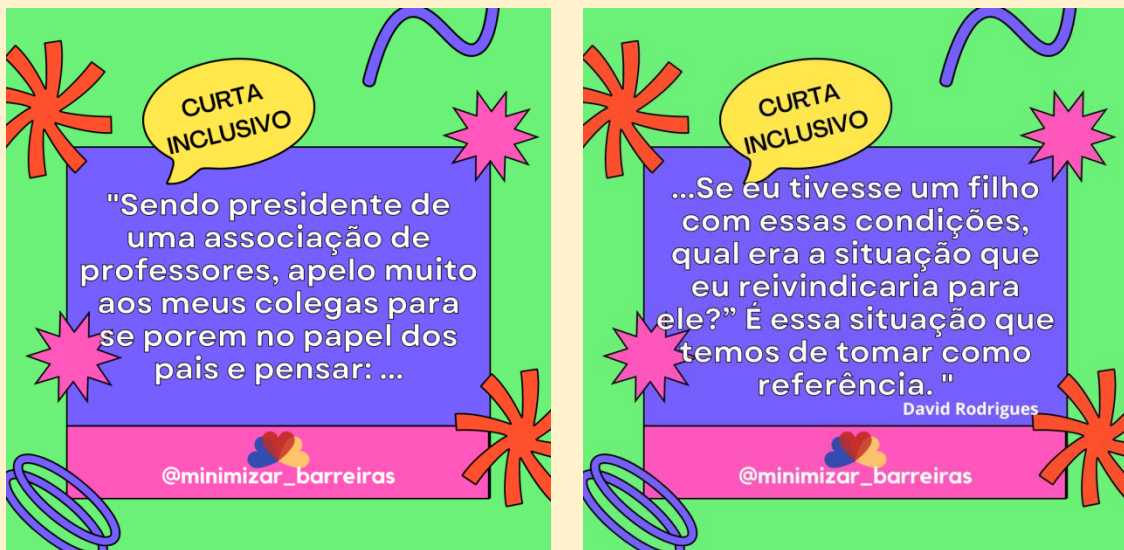
Comenta aqui – é uma seção que lança uma questão ao público e o convida a registrar nos comentários. Foi uma estratégia pensada para incentivar e valorizar a opinião do seguidor de forma mais direta. Tem sido pensado estratégias para que os seguidores participem mais ativamente para além de curtir a postagem, ou ainda somente acessá-la sem engajamento. O registro nos comentários é importante para o contínuo *feedback* e aperfeiçoamento do produto.



Pensando a inclusão escolar – a partir de um trecho, expõe o seguidor a um conteúdo que provoque uma reflexão específica sobre a inclusão escolar.



Curta inclusivo – é um pequeno vídeo, com fundo musical, em que há a apresentação de uma sequência de cards que dão suporte a uma pequena frase de grande efeito reflexivo.



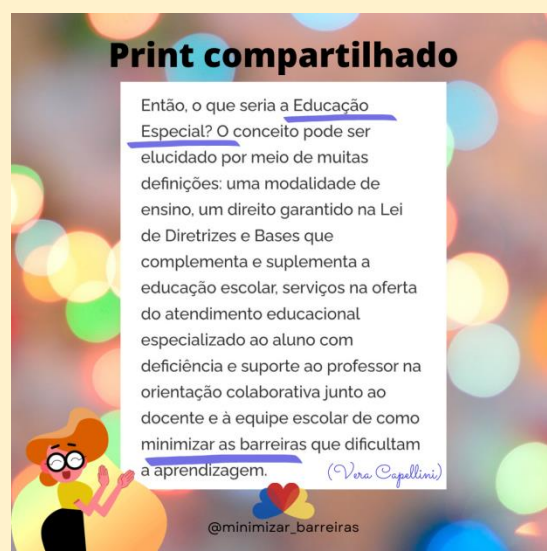
Inclusão em imagem – apresenta uma imagem para a fruição do seguidor, bem como para levá-lo a pensar mais profundamente na urgência de atitudes inclusivas.



• **Inclusivamente** – é um trecho do referencial teórico adotado na pesquisa que trata a inclusão numa perspectiva mais ampla (para além da escola). Almeja transmitir a ideia de que se a mente não muda, nada muda.



Print compartilhado – apresenta ao seguidor um *print* de algum conteúdo que a pesquisadora teve acesso nas redes sociais e entendeu ter aderência com a proposta do perfil. Uma espécie de cartão postal de um lugar virtual que a pesquisadora esteve e deseja que o seguidor do perfil também vá. Um “Estive lá, vale a pena conhecer.”.



Repost – no perfil o seguidor também encontrará conteúdos de outros perfis que publicam assuntos de interesse em comum. É uma forma de apoiar a produção de outros criadores de conteúdo, estabelecer parcerias, indicar outros perfis com identidade semelhante e divulgar informações sobre inclusão escolar não publicadas originalmente pelo @minimizar_barreiras.



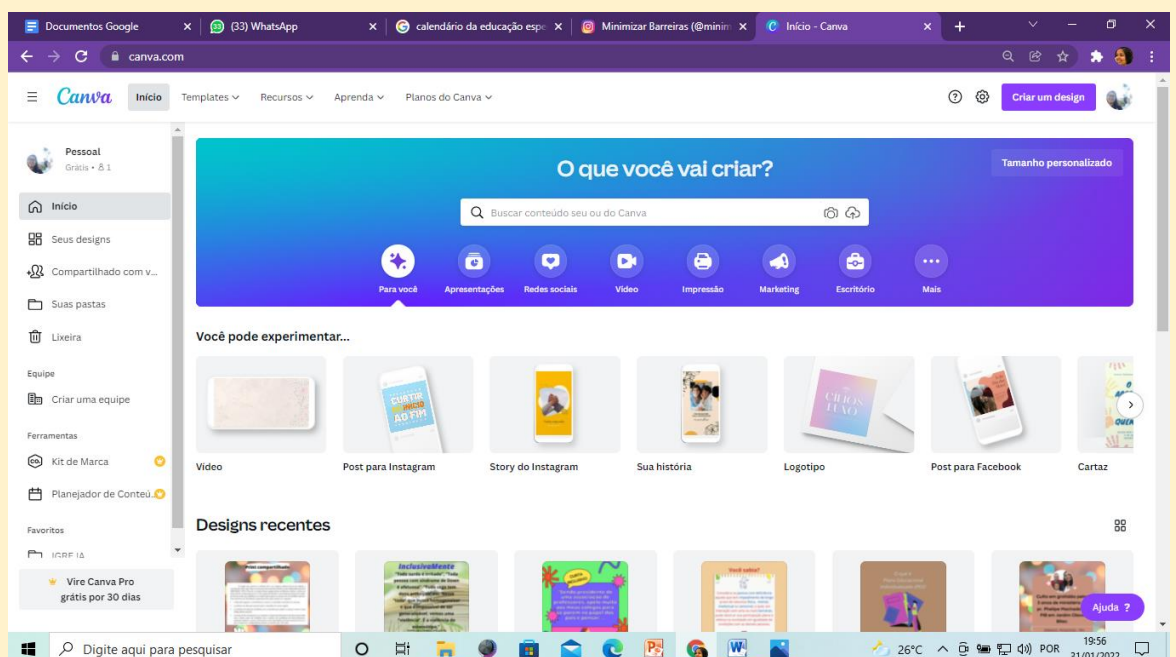
O seguidor pode optar por ter acesso ao conteúdo do @minimizar_barreiras rolando seu *feed*, ou até mesmo por imersão no tema, acessando uma boa quantidade das postagens feitas de uma só vez. A meta tem sido de realizar ao menos uma postagem autoral por dia.

2.3.3 Determinação da forma de comunicação

O *Instagram* é uma mídia que valoriza a imagem. Para tornar os conteúdos de texto em imagens atrativas, o uso da plataforma *Canva* se tornou indispensável, visto que é uma plataforma de designer gráfico que possibilita a criação de projetos diversos com conteúdos de mídia variados. Desse modo, o conteúdo é valorizado no design, na criação artística. Goulart (2014, p. 22) acrescenta:

Os processos criativos parecem atrair os seres humanos e instigá-los a elaborar formas, meios e procedimentos para a obtenção dos resultados que lhes importam. Em linhas gerais, pode-se dizer que a Educação é a partilha das criações humanas, subsidiadas pelo seu aparato teórico, com a finalidade de compreendê-las e até para motivar a geração de novas criações. Esses processos podem ser originados no estudo individual, mas em sua maioria surgem do esforço coletivo, compartilhado, de uma comunidade de pessoas.

A seguir você verá a tela inicial da plataforma *Canva*.



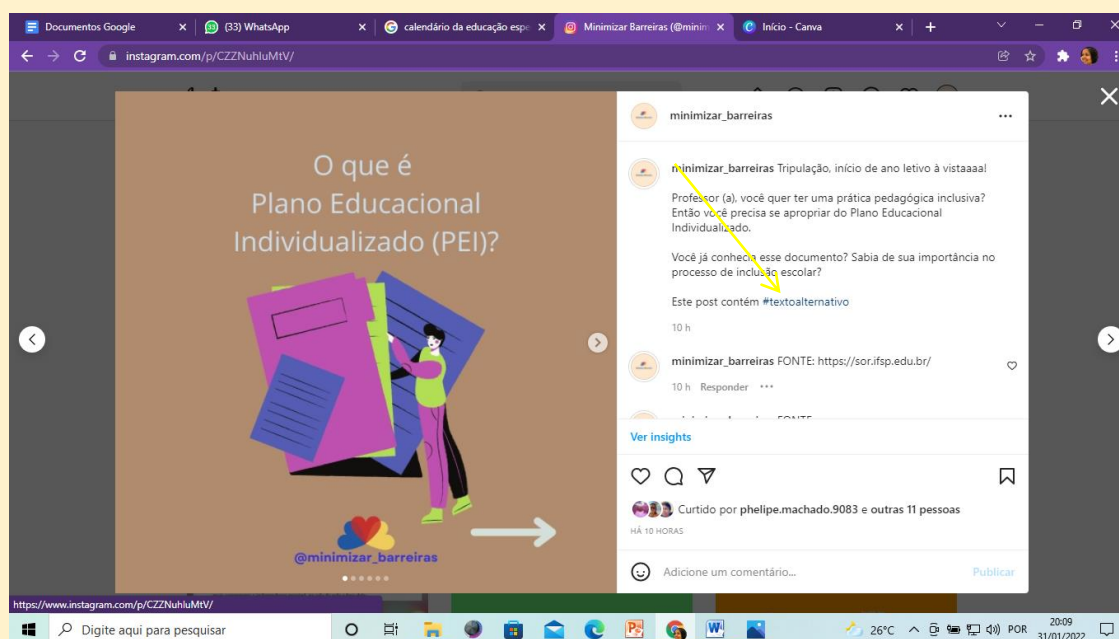
Optou-se, em um primeiro momento, por publicar conteúdos que ficassem salvos no *feed*, uma vez que se deseja que o seguidor possa acessá-los a qualquer momento.

Ao pensar na forma de comunicação levou-se em consideração que o perfil se destina a publicar conteúdos sobre a escolarização de alunos com desenvolvimento atípico e que isso também poderia acarretar que o público a ser alcançado fossem pessoas nessa condição. Ainda que não fosse pelo tema, a verdade é que os ambientes acessíveis proporcionam a interação de pessoas em quaisquer condições. No contexto do perfil, sabe-se que

A tecnologia digital também pode alcançar as pessoas com deficiências, pois existem aplicativos, softwares e equipamentos que possibilitam a acessibilidade a informação, entretenimento, sociabilidade entre outros benefícios. Considerando o contexto da educação, a presença da tecnologia digital é uma alternativa de recurso que potencializa no ensino de alunos PAEE, que funciona com uma solução sobre as barreiras que esse público enfrenta no processo de aprendizagem. (SILVA et al, 2021, p. 9)

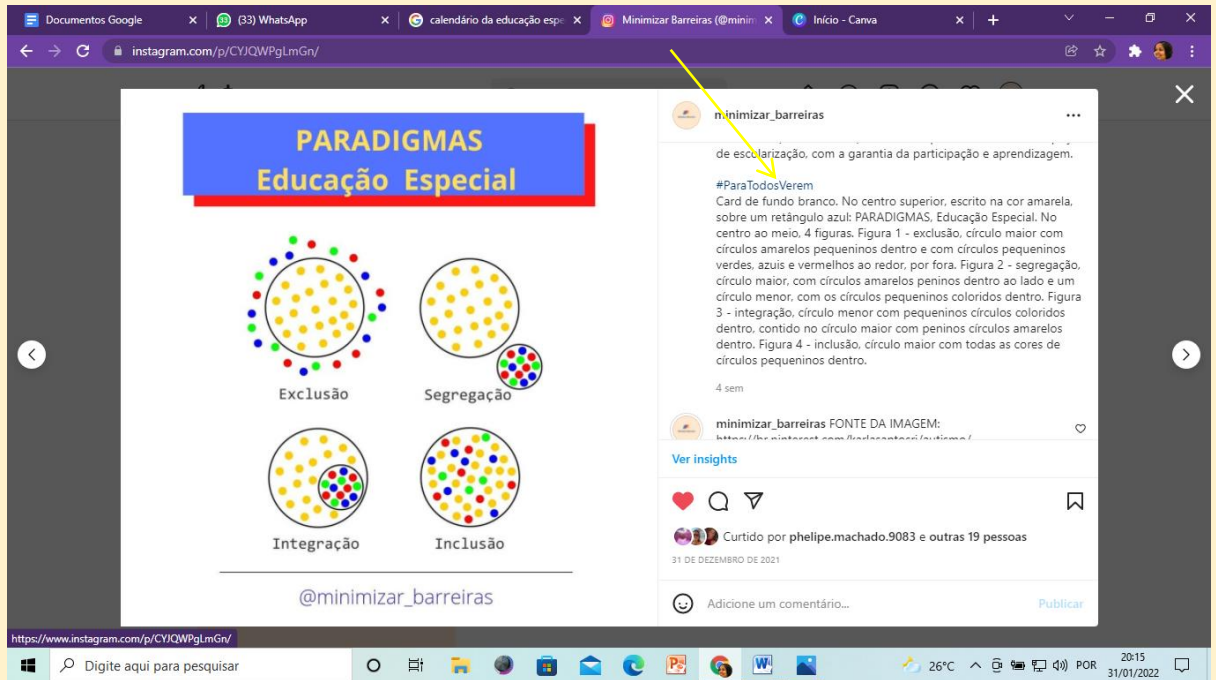
Para que o perfil pudesse também alcançar as pessoas com deficiência visual, foi tomado como padrão o uso da ferramenta de acessibilidade do texto alternativo, onde é possível realizar a descrição da imagem que com o auxílio de *softwares* específicos esse público terá acesso ao conteúdo. O recurso da legenda que o *Instagram* oferece também é possível fazer o registro de texto que complementa a publicação.

A seguir você verá uma postagem como exemplo de uso da *hashtag* textoalternativo indicada pela seta amarela.



As *hashtags* são próprias para emitir um comentário sobre um assunto usando o símbolo #, seguido de uma palavra-chave referente à postagem. Feito esse procedimento, a palavra se torna um hiperlink e a partir de então tem a função de mecanismo de busca, de modo que se passa a ter acesso a postagens de outros perfis que usaram a mesma *hashtag*.

Inicialmente, antes do conhecimento da ferramenta de acessibilidade “texto alternativo” do *Instagram*, a pesquisadora teve a prática de descrever a imagem na própria legenda, usando a hashtag “ParaTodosVerem”. Você verá um exemplo desse uso na imagem a seguir indicado pela seta amarela.



PIT STOP 8



FONTE: (<https://www.deficienteeficiente.com.br/escola-de-ingles-em-itaquera-e-inaugurada-sem-acessibilidade.html>)

2.4 Implementação (prototipação)

Implementação: Essa etapa trata do desenvolvimento do protótipo do material, de acordo com o que foi planejado. Essa seria a última etapa obrigatória para Mestrados Profissionais.

(FREITAS, 2021, p. 17)

A foto do perfil foi criada na plataforma *Canva*. A logo é a imagem de três corações sobrepostos nas cores azul, vermelho e amarelo. O símbolo do coração remete a ideia de afetividade. A posição dos corações sobrepostos enfatiza a interação humana. Os três corações em diferentes cores propõem a diversidade presente nos seres humanos. O coração também é o símbolo da curtida no *Instagram*, o que transmite um valor de apoiar a causa de minimizar barreiras. A escolha das cores primárias representa as possibilidades nas interações entre os

diferentes. O nome “minimizar barreiras” reconhece que são com pequenos objetivos que se alcança uma grande meta, e também que esse deveria ser um ideal de todos nós.

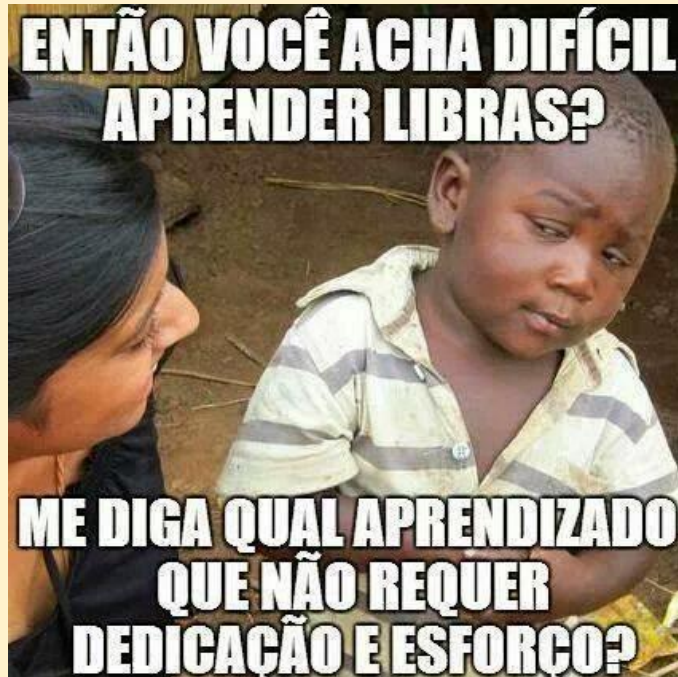


A conta no *Instagram* foi criada no final de dezembro de 2021, como conta profissional da área da educação. Uma das primeiras ações foi publicar a foto do perfil e apresentar a proposta do mesmo. Em seguida, compartilhou-se a foto do perfil @minimizar_barreiras - juntamente com uma legenda contendo a proposta do mesmo e um convite a segui-lo - nas contas pessoais da pesquisadora principal como *Instagram* e *facebook*, além dos contatos no *WhatsApp*. A partir de então o número de seguidores começou a crescer, e em uma semana alcançou a marca dos cem primeiros seguidores. A seguir é apresentada a imagem do primeiro post e os comentários correspondentes.



A aderência da proposta nesse espaço de tempo só reforçou que “Repensar novos modos de se comunicar, conviver, estudar e trabalhar tem sido inerente a todos, nesse cenário pandêmico. Nesse sentido, a internet, os programas de comunicação e as mídias sociais passam a ser essenciais.” (SILVA *et al*, 2021, p.2) E assim o repensar do uso de mídias sociais como ferramentas educacionais prossegue.

PIT STOP 10



FONTE: (<https://angelalibras.blogspot.com/p/imagens-libras.html>)

2.5 Avaliação (avaliação, aplicação, validação)

Avaliação: Nesse momento o material será colocado em prática com grupos de usuários, sendo que, embora desejável, não seria obrigatória para os Mestrados Profissionais.

(FREITAS, 2021, p.17)

Em 31/01/2022 o perfil contava com 43 publicações e 180 seguidores, como mostra o *print* do perfil a seguir. Às 20 horas e 27 minutos desse mesmo dia, os vídeos mais visualizados foram o *repost* sobre antiapacitismo do perfil @_luna_nakano, com 58 visualizações, e o *print* compartilhado sobre as vantagens da inclusão, post autoral com 58 visualizações também. A postagem com mais curtidas foi “O que é o Atendimento Educacional Especializado?”, com 26 curtidas. Cabe ressaltar que o número de feedbacks está relacionado ao interesse do público pelo tema, pela forma de apresentação, pelo horário e dia da semana da publicação. Por trás das redes sociais existe uma lógica de algoritmos para que a postagem seja entregue aos usuários. Esse tópico não se apresentou como prioritário para a pesquisadora principal. A seguir serão apresentados *prints* de cada *post* na ordem em que foram citados, indicando com uma seta amarela o número de visualizações e curtidas.

Documentos Google x (34) WhatsApp x calendário da educação esp: x Minimizar Barreiras (@minimizar_barreiras) x Início - Canva x

instagram.com/minimizar_barreiras/

Instagram

Pesquisar

minimizar_barreiras Editar perfil

43 publicações 180 seguidores 536 seguindo

Minimizar Barreiras
Educação
@danubiasms
#educaçoespecial
#inclusão
#escola

Produção Formação

PUBLICAÇÕES VÍDEOS SALVOS MARCADOS

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO PELO VÊS DO PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO (APERFEIÇOAMENTO/LIBER...)

O que é

Você sabia?

Digite aqui para pesquisar

26°C 20:27 31/01/2022

Documentos Google x (34) WhatsApp x calendário da educação esp: x Minimizar Barreiras (@minimizar_barreiras) x Início - Canva x

instagram.com/p/CYgx10mLWJD/

minimizar_barreiras

minimizar_barreiras #Repost @_luna_nakano

Expressões capacitistas pra você tirar do vocabulário.

A gente fala disso todo dia aqui nesse perfil, mas é sempre bom reforçar, porque a mudança parte de pequenas atitudes, e se tornam hábito.

Seja ANTICAPACITISTA!

#PraTodosVerem vídeo vertical de Luna, vestindo uma blusa com capuz cinza. Ela aponta para frases capacitistas: VOCE ESTÁ CEGO/SURDO? / QUE MANCADA / PARECE AUTISTA / AQUELE RETARDADO. Ao final a frase: VAMOS COMBATER O CAPACITISMO COM PEQUENOS GESTOS.

3 sem

Ver insights

58 visualizações

9 DE JANEIRO

Adicione um comentário... Publicar

EXPRESSIONES CAPACITISTAS PRA VOCÊ TIRAR DO SEU VOCABULÁRIO

https://www.instagram.com/p/CYgx10mLWJD/

Digite aqui para pesquisar

26°C 20:36 31/01/2022

Print compartilhado

Quadro 1 – Vantagens da Inclusão

Benefícios para:	
Crianças com Necessidades Educativas Especiais	São poupadas aos efeitos da educação segregada – incluindo os efeitos negativos da categorização bem como das atitudes negativas, promovidas pela falta de contacto com crianças "ditas normais". Têm modelos que lhes permitem observar e aprender novas competências e/ou aprender, através da imitação, como e quando utilizar as competências que já possuem. Têm a oportunidade de estar com crianças de idades similares (peers) com as quais podem interagir de modo espontâneo e assim aprender novas competências sociais ou comunicativas. Têm a possibilidade de vivenciar experiências de vida realísticas, que as preparam para a vida na comunidade. Têm a possibilidade de desenvolver amizades com crianças com desenvolvimento ditto normal.
Crianças com desenvolvimento ditto "normal"	Têm a oportunidade para desenvolverem perspectivas mais realistas e adequadas sobre indivíduos com deficiências. Têm a oportunidade para desenvolver atitudes positivas face a outros que são diferentes delas. Têm a oportunidade para aprender comportamentos altruístas bem como e quando usar tais comportamentos. Têm a oportunidade de observar modelos de indivíduos que, apesar das dificuldades, conseguem ter sucesso em determinados domínios.

58 visualizações
19 DE JANEIRO

Instagram

LINK NA BIO

literatura_acessivel

ojoanapassos

O que é o Atendimento Educacional Especializado (AEE)?

Inclusão em Imagem

VOCÊ SABIA?

Dia Mundial do Sistema Braille 04 de Janeiro

Pensando a inclusão escolar

Silu e Pepita

Com o tempo foi possível detectar alguns ajustes necessários ao perfil, como: descrever a imagem no texto alternativo, e não na legenda; escrever algo na legenda, mesmo que seja para reforçar a postagem em imagem; criar um padrão mínimo de design para cada categoria de seção, etc. O fato de o perfil ter sido lançado no final de dezembro, época de recesso escolar, pode ter implicado no não engajamento de muitos seguidores, sobretudo dos professores e pais que se despertam para o assunto durante o ano letivo.

Uma seguidora do perfil, que também é do círculo de relacionamentos da pesquisadora principal, fez contato por *WhatsApp* solicitando explicação sobre o uso da descrição da imagem. O fato ressaltou que, de modo geral, os perfis sobre temas inclusivos são mais propensos ao uso da descrição de imagem e/ou do texto alternativo. Um mãe que do relacionamento pessoal da pesquisadora fez contato via *direct* perguntando mais informações sobre o Plano Educacional Individualizado (PEI) – assim que foi publicado um post sobre o tema-

colocando que seu filho está sendo acompanhado por uma equipe médica que indica a condição de autismo para ele e a seguidora do perfil gostaria de saber como a escola do menino deveria proceder.

Foi também realizado um convite aos participantes da pesquisa e a uma professora (P2) deu o seguinte retorno via *WhatsApp* sobre o *post* dos Paradigmas da Educação Especial: “Olá! Sobre o perfil, considero pertinente e importante para desmitificar alguns mitos. O ‘Paradigma da Educação Especial’ retrata exatamente o conceito, de muitos, sobre inclusão.”

A seção “comenta aqui” poderá ser utilizada como instrumento de coleta de dados para novas pesquisas na área, uma vez que valoriza a percepção dos seguidores sobre determinado tópico do contexto da inclusão escolar. Essa seção também foi uma estratégia para ter um *feedback* escrito dos seguidores. É comum na mídia em questão que os usuários se apropriem do conteúdo, e, por vezes, esqueçam-se de curtir ou comentar. Por mais que a interação seja solicitada (e é um aspecto inerente às mídias sociais) nas postagens em geral, a criação de uma seção própria para isso surgiu como reafirmação do pressuposto: “O que você pensa é importante para esse perfil”. A seguir será apresentado um *print* desta seção, mostrando os comentários pertinentes.



Nos anexos A e B encontram-se uma ficha para avaliação do presente produto educacional com vistas à validação pelas professoras da banca de defesa. A ficha foi proposta por Rizzati *et al* (2020, p. 12-13) e está baseada nos seguintes conceitos (RIZZATI *et al*, 2020, p. 10-11):

COMPLEXIDADE – compreende-se como uma propriedade do produto/processo educacional relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação. Na Área de Ensino, entende-se que a complexidade é uma dimensão do PE a ser contabilizada no Qualis Educacional a partir do modelo de avaliação desenvolvido pela Área para ser emitido pela banca de dissertação ou tese.

REGISTRO – refere-se a uma catalogação do PE, na qual podem fornecer informações sobre direitos autorais, propriedade intelectual, ou ainda, sigilo (ISBN, ISSN, registro em bibliotecas, licença Creative Commons e outras).

IMPACTO – considera-se nesse quesito a forma como o PE foi utilizado e/ou aplicado nos sistemas educacionais, culturais, de saúde ou CT&I. Esse dado será avaliado pelas bancas de defesa de dissertação ou tese a partir do modelo de validação proposto para a Área de Ensino, objetivando a compreensão do motivo para a criação do PE, a relevância, o foco de aplicação do Produto, permitindo, com efeito, avaliar em qual área a mudança pode ser percebida. É importante reconhecer se a demanda foi espontânea ou contratada e qual é a área impactada pela proposição (educacional, cultural, de saúde ou CT&I).

APLICABILIDADE – relaciona-se à facilidade de acesso e propriedade de aplicação do PE, para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas. A propriedade de aplicação refere-se ao processo e/ou artefato (real ou virtual) e divide-se em três níveis: 1) aplicável

(quando o PE tem potencial de utilização direta, mas não foi aplicado); 2) aplicado (quando o PE foi aplicado uma vez, podendo ser na forma de um piloto/protótipo); 3) replicável (o PE está acessível e sua descrição permite a utilização por terceiros considerando a possibilidade de mudança de contexto de aplicação). Compreende-se, portanto, que para o curso de MP, o PE deve ser aplicável e é recomendado que seja aplicado. Enquanto para o DP, o Produto deve ser aplicável e ter sido aplicado e, é recomendado que seja replicável. Para a área de Ensino, esse conceito será avaliado a partir de dois critérios no Qualis Educacional, a saber: acesso e aplicabilidade (avaliado a partir do modelo de validação a ser emitido pela banca).

ADERÊNCIA – compreende-se como a origem do PE a fim de apresentar origens nas atividades oriundas das linhas e dos projetos de pesquisas do PPG stricto sensu em avaliação. Como considera-se na área de Ensino a produção do docente de maneira integral, eventuais PE elaborados em conjunto com discentes de PIBIC, PIBID, Residência Pedagógica, ou ainda de outras tipologias, a partir de suas origens, que poderão não atender a esse critério em sua totalidade, pois não terão obrigatoriamente aderência às linhas e aos projetos de pesquisa do programa de pós-graduação Stricto Sensu.

INOVAÇÃO – considera-se a amplitude desse conceito. A área de Ensino define-o a partir das práticas cotidianas, assumindo-se como um PE elaborado a partir de algo novo, ou da reflexão/modificação de algo já existente revisitado para a/em prol da realidade estudada (BESSEMER; TREFFINGER, 1981). A propriedade de inovação refere-se ao processo ou ao artefato (real ou virtual) e divide-se em três níveis, conforme proposto no Relatório Inovação e Transferência de Conhecimento (BRASIL, 2019d):

- 1) PE de alto teor inovador (desenvolvimento com base em conhecimento inovador);
- 2) PE com médio teor inovador (combinação/compilação de conhecimentos pré-estabelecidos);
- 3) PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento existente). Esse dado será avaliado pelas bancas de defesa de dissertação ou tese, a partir do modelo de validação proposto para a área de Ensino.

Ainda nesse sentido, Inovação não deriva apenas do PE em si, mas da sua metodologia de desenvolvimento, do emprego de técnicas e recursos para torná-lo mais acessível, de utilizá-lo em contexto social, dentre outros. Entende-se que a inovação (tecnológica, educacional e/ou social) no ensino está atrelada a uma mudança de mentalidade e/ou a um modo de fazer de educadores, gestores, alunos e egressos. São exemplos de inovação: conscientização sobre cidadania e meio ambiente, modernização do espaço escolar, melhoria na rotina gerencial, aplicação de temas de vanguarda, etc.

Como projetos futuros para o perfil, pretende-se investir na criação de conteúdos próprios para os outros recursos que o Instagram oferece, como: *stories*, *reels* e *lives*. Além disso, tem se mostrado necessário pensar em estratégias para aumentar a participação dos seguidores nos comentários da postagem. A manutenção de uma mídia social de caráter profissional requer investimento financeiro, de tempo e propriedade intelectual. Não à toa, muitos perfis subsistem porque seus donos contratam profissionais da área altamente capacitados no marketing digital para alavancar engajamento não só de seguidores, mas de clientes em potencial.

O @minimizar_barreiras, no entanto, é resultado de um estudo acadêmico de uma pedagoga, professora da educação básica da rede pública, que acredita que educar é transformar a si mesmo e a realidade ao seu redor. Que deseja contribuir para uma sociedade mais justa e uma escola democrática. Que tem buscado se apropriar dos artefatos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação para transmitir sua concepção de mundo.

Por fim, o produto educacional @minimizar_barreiras é um exercício ético-profissional à proporção que a pesquisa ensejou a busca por atualização na temática, o compartilhamento de princípios caros à inclusão educacional, a vulnerabilidade de expor no ambiente virtual (e ao público o qual presta serviço) aquilo que se espera acerca do desenvolvimento do seu próprio trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Mestrado profissional e mestrado acadêmico: aproximações e diferenças. **Revista Diálogo Educacional**, [S.l.], v. 17, n. 53, p. 823-841, ago. 2017. ISSN 1981-416X. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/8459>>. Acesso em: 25 dez. 2021.

BARBOSA, Cristiane Clébia. Apropriação das Mídias Sociais como recurso no processo ensino-aprendizagem. In: **SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**, 3, 2010, Recife. Anais eletrônicos[...]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco Núcleo de Estudos de Hipertexto e Tecnologias na Educação, 2010. p. 1 - 13. Disponível em: <http://nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Cristiane-Clebia-Barbosa.pdf> Acesso em: 21 dez. 2021.

BARBOSA, Juliana da Silva Dias; FERREIRA, Simone de Lucena. Mídias sociais, educação e formação docente. **Interfaces Científicas** - Educação • Aracaju • V.1 • N.2 • p. 81-90 • fev. 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/594> Acesso em: 20 jun. 2021

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.

CARVALHO, Rosita. Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre : Mediação, 2004.

CHIOSSI, Renata Reis. COSTA, Christine Sertã. Novas formas de aprender e ensinar: a integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na formação de professores da educação básica. **Texto livre: linguagem e tecnologia**. Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 160-176, mai.-ago. 2018. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres> Acesso em: 22 dez. 2021.

CHRISTOVAM, Ana Carolina Camargo; CIA, Fabiana. O envolvimento parental na visão de pais e professores de alunos com necessidades educacionais especiais. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, v. 19, n.4, p. 563-582, Out. –Dez., 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v19n4/v19n4a07.pdf> Acesso em: 15 out. 2020

DINIZ, Débora; BARBORA, Lívia; SANTOS, Wanderson Rufino dos. Deficiência, direitos humanos e justiça. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 6, n. 11, p. 65-77, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sur/a/fPMZfn9hbJYM7SzN9bwzysb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 11 set. 2021.

FREITAS, Rony. Produtos educacionais na área de ensino da capes: o que há além da forma?. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 5, n° 2, 2021. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/1229> Acesso em: 10 jan. 2022

GLAT, Rosana; FERNANDES, Edicléa. Mascarenhas. Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma Breve Reflexão sobre os Paradigmas Educacionais no Contexto da Educação Especial Brasileira. **Revista Inclusão** n°1, 2005, MEC/SEESP. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/Da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Segregada%20%C3%A0%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Inclusiva.pdf> Acesso em 20 jul. 2021

GOULART, Elias. E. O docente nas mídias sociais. In: _____ (org.). **Mídias sociais : uma contribuição de análise**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2014.

JANUZZI, Gilberta. Algumas concepções de educação do deficiente. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 9-25, maio 2004. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/235> Acesso em: 17 nov. 2021

MARAIA, Luciana Gonçalves de Oliveira. Uso pedagógico do canva como recurso para a aprendizagem. **Guia de orientações para utilização do Canva como recurso didático- pedagógico**. Disponível em: [Guia de Orientações para Uso do Canva como Recurso Didático-pedagógico.pdf - Google Drive](#) Acesso em 30 dez. 2021.

MATURANA, Ana Paula Pacheco Moraes; CIA, Fabiana. Educação Especial e a Relação Família - Escola: Análise da produção científica de teses e dissertações. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá , v. 19, n. 2, p. 349-358,

ago. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000200349&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 out. 2020.

MENDES, Enicéia Gonçalves. A radicalização do debate sobre a inclusão escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, vol. 11, pp. 387-405. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/KgF8xDrQfyy5GwyLzGhJ67m/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 04 ago. 2021

MENDES, Enicéia Gonçalves. Breve história da Educação Especial no Brasil. *Revista Educación y Pedagogía*, v. 22. Nº. 57, mayo-agosto, 2010.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias. *Informática na educação: teoria e prática*, PGIE-UFRGS, V.3 Nº 1, p. 137 - 144, Setembro, 2000.

NUNES, Sylvia. da Silveira; SAIA, Ana Lucia; TAVARES, Rosana Elizete. Educação Inclusiva: Entre a História, os Preconceitos, a Escola e a Família. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília , v. 35, n. 4, p. 1106-1119, dez. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000401106&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 out. 2020.

PLETSCH, M. D. O que há de especial na educação especial brasileira?. Momento - **Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 57–70, 2020. Disponível em: <https://seer.furg.br/momento/article/view/9357>. Acesso em: 28 jun. 2021.

PLETSCH, M. D. **Repensando a inclusão escolar de pessoas com deficiência mental**: diretrizes políticas, currículo e práticas pedagógicas. (tese de doutorado), 2009.

RIZZATTI, Ivanize Maria; MENDONÇA, Andrea Pereira; MATTOS, Francisco; RÔÇAS, Giselle. SILVA, Marcos Andre B. Vaz. da; CAVALCANTI, Ricardo Jorge de S.; OLIVEIRA, Rosemary Rodriguez. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. *ACTIO*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/actio>>. Acesso em: 7 dez. 2021

SILVA, Izabel Rodrigues da; FREITAS, Thayane Nascimento. ARAÚJO, Nádia Fernanda Martins de; SOUSA; Deborah Lauriane da Silva; JÚNIOR, Maurício Amorim de Araújo; MEDEIROS; Aline Mendes; SILVA, Rafael Soares. Acessibilidade digital em tempos de ensino remoto. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 4, e60010414966, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/14966/12969/189107> Acesso em: 29 dez. 2021.

SOARES, Simária de Jesus; BUENO, Flaviane de Fátima Lima; CALEGARI, Laura Maria. LACERDA, Marcelo de Miranda. DIAS, Renata Flávia Nobre Canela. O uso das tecnologias digitais de informação e comunicação no processo de ensino aprendizagem. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL ABED DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA**, 21, 2015, Bento Gonçalves. Anais [...].Bento Gonçalves: ABED, 2015. p. 1 – 10. Disponível em: http://www.abed.org.br/congresso2015/anais/pdf/BD_145.pdf Acesso em 27 de dez. 2021.

SOBRINHO, Reginaldo Célio; ALVES, Edson Pantaleão. A relação família e escola em um contexto de escolarização do aluno com deficiência: reflexões desde uma abordagem sociológica figuracional. *Educ. rev.*, Curitiba , n. 49, p. 323-338, set. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000300018&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 out. 2020.

ZAIDAN, Samira; REIS, Diogo Alves de Farias; KAWASAKI, Teresinha Fumi. Produto educacional. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 16, n. 35, p. 1-12, 24 jun. 2020. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/1707> Acesso em 10 jun. 2021

ANEXO A – FICHA DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

IES: _____ Discente: _____ Título da Dissertação/Tese: _____ Orientador: _____ Coorientador (se houver): _____	
FICHA DE VALIDAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL (PE)	
<p>Complexidade - compreende-se como uma propriedade do PE relacionada às etapas de elaboração, desenvolvimento e/ou validação do Produto Educacional. <u>*Mais de um item pode ser marcado.</u></p>	<p><input type="checkbox"/> O PE é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação ou tese.</p> <p><input type="checkbox"/> A metodologia apresenta clara e objetivamente a forma de aplicação e análise do PE.</p> <p><input type="checkbox"/> Há uma reflexão sobre o PE com base nos referenciais teóricos e teórico-metodológicos empregados na respectiva dissertação ou tese.</p> <p><input type="checkbox"/> Há apontamentos sobre os limites de utilização do PE.</p>
<p>Impacto – considera-se a forma como o PE foi utilizado e/ou aplicado nos sistemas educacionais, culturais, de saúde ou CT&I. É importante destacar se a demanda foi espontânea ou contratada.</p>	<p><input type="checkbox"/> Protótipo/Piloto não utilizado no sistema relacionado à prática profissional do discente.</p> <p><input type="checkbox"/> Protótipo/Piloto com aplicação no sistema Educacional no Sistema relacionado à prática profissional do discente.</p>
<p>Aplicabilidade – relaciona-se ao potencial de facilidade de acesso e compartilhamento que o PE possui, para que seja acessado e utilizado de forma integral e/ou parcial em diferentes sistemas.</p>	<p><input type="checkbox"/> PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto, mas não foi aplicado durante a pesquisa.</p> <p><input type="checkbox"/> PE tem características de aplicabilidade a partir de protótipo/piloto e foi aplicado durante a pesquisa, exigível para o doutorado.</p> <p><input type="checkbox"/> PE foi aplicado em diferentes ambientes/momentos e tem potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição.</p>
<p>Acesso – relaciona-se à forma de acesso do PE.</p>	<p><input type="checkbox"/> PE sem acesso.</p> <p><input type="checkbox"/> PE com acesso via rede fechada.</p> <p><input type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito.</p>

ANEXO B – FICHA DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL (continuação)

FICHA DE VALIDAÇÃO DE PRODUTO/PROCESSO EDUCACIONAL (PE)	
	<input type="checkbox"/> PE com acesso público e gratuito pela página do Programa. <input type="checkbox"/> PE com acesso por Repositório institucional - nacional ou internacional - com acesso público e gratuito.
Aderência – compreende-se como a origem do PE apresenta origens nas atividades oriundas das linhas e projetos de pesquisas do PPG em avaliação.	<input type="checkbox"/> Sem clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG <i>stricto sensu</i> ao qual está filiado. <input type="checkbox"/> Com clara aderência às linhas de pesquisa ou projetos de pesquisa do PPG <i>stricto sensu</i> ao qual está filiado.
Inovação – considera-se que o PE é/foi criado a partir de algo novo ou da reflexão e modificação de algo já existente revisitado de forma inovadora e original.	<input type="checkbox"/> PE de alto teor inovador (desenvolvimento com base em conhecimento inédito). <input type="checkbox"/> PE com médio teor inovador (combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos). <input type="checkbox"/> PE com baixo teor inovador (adaptação de conhecimento(s) existente(s)).
Breve relato sobre a abrangência e/ou a replicabilidade do PE) _____ _____	
Assinatura dos membros da banca: Presidente da banca: _____ Membros internos: _____ Membro externos: _____ Data da defesa: _____	